



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA COMUNIDADE
PEDRINHAS NO DELTA DO PARNAÍBA EM ARAIOSES-MA E SUAS
RELAÇÕES DE TRABALHO**

Por

JOSÉ ARNALDO SOUZA MACHADO JÚNIOR

Orientadora: Profa. Dra. LÍDIA MARIA PIRES SOARES CARDEL

**SALVADOR
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA COMUNIDADE
PEDRINHAS NO DELTA DO PARNAÍBA EM ARAIOSES-MA E SUAS
RELAÇÕES DE TRABALHO**

Por

JOSÉ ARNALDO SOUZA MACHADO JÚNIOR

Orientadora: Profa. Dra. / LÍDIA MARIA PIRES SOARES CARDEL

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

**SALVADOR
2017**

Ficha Catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA

M60 MACHADO JUNIOR, José Arnaldo Souza.
O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA
COMUNIDADE PEDRINHAS NO DELTA DO PARNAÍBA EM
ARAIOSÉS-MA E SUAS RELAÇÕES DE TRABALHO / José
Arnaldo Souza Machado Júnior. -- SALVADOR/BA,
2017.

123 f.:il

Orientadora: LÍDIA MARIA PIRES SOARES CARDEL
CARDEL.

Dissertação (Mestrado - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CULTURA E SOCIEDADE) -- Universidade Federal da
Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos, 2017.

1. Identidade. 2. Campesinato. 3. Cata de
Caranguejo. 4. Comunidade . 5. Pedrinhas. I.
CARDEL, Lídia Maria Pires Soares. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
IHAC- INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E
CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA & SOCIEDADE

Ata da Reunião da Apresentação Oral da Dissertação de José Arnaldo Souza Machado Júnior

Intitulada: “O processo de construção da Identidade da Comunidade Pedrinhas no Delta do Parnaíba em Araisos- MA e suas relações de Trabalho”.

Aos 22 (vinte e dois) dias do mês de maio de dois mil e dezessete, no IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, foi instalada a Banca Examinadora da Apresentação da dissertação intitulada: “**O processo de construção da Identidade da Comunidade Pedrinhas no Delta do Parnaíba em Araisos- MA e suas relações de Trabalho**”. Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos professores: **Prof.(a) Dr.(a) Lídia Maria Pires Soares Cardel** – Orientador(a) - e pelo(a) examinador(a) externo(a): **Prof.(a) Dr.(a) Edvania Gomes de Assis Silva** e interno(a) do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade: **Prof.(a) Dr.(a) Milton de Araújo Moura**. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade foi dado o prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que os membros da Banca realizassem a arguição. Primeiro falou o/a avaliador (a) externo/a **Prof.(a) Dr.(a) Edvania Gomes de Assis Silva**. Após o/a examinador(a) externo(a), fez suas arguições o/a **Prof.(a) Dr.(a) Milton de Araújo Moura**, avaliador(a) interna/o. Depois que os membros da Banca falaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a dissertação de **José Arnaldo Souza Machado Júnior** como aprovada. Nada mais havendo a tratar, eu, Prof.(a). Dr.(a). **Lídia Maria Pires Soares Cardel** lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pelo/a mestrando/a. Salvador, 22 de maio de 2017.

Prof. (a) Dr. (a) Lídia Maria Pires Soares Cardel

Prof. (a) Dr. (a) Edvania Gomes de Assis Silva

Prof. (a) Dr. (a) Milton De Araújo Moura

Mestrando José Arnaldo Souza Machado Júnior

Lidia Maria Pires Soares Cardel
Edvania Gomes de Assis Silva
Milton Araújo Moura
José Arnaldo Souza Machado Júnior

Aos meus pais, que não mediram esforços para que pudesse realizar esse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre estar comigo me dando força para seguir em frente. Também faço um agradecimento especial ao meu pai, Arnaldo e à minha mãe Francisca, que me proporcionaram estar aqui em Salvador/BA, realizando esse sonho. Agradeço também à minha irmã, Maria das Graças que sempre me apoia, à minha orientadora Lídia Cardel, por acreditar em mim e em minha capacidade de realizar esta pesquisa e meu amigo Robson Júnior por sempre me ajudar em todos os momentos.

Estar longe da família nunca é fácil, mas sempre pude contar com bons amigos que conheci nessa trajetória tão árdua. A esses amigos deixo registrado aqui meus agradecimentos.

MACHADO JUNIOR, José Arnaldo Souza. O Processo de Construção da identidade da Comunidade Pedrinhas no Delta do Parnaíba em Araisos-Ma e suas Relações de Trabalho. 122f. Dissertação de Mestrado, 2017. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

Este estudo buscou identificar o processo de construção identitária e sociocultural dos moradores da comunidade Pedrinhas e suas relações de trabalho: a agricultura, pesca e *cata* do caranguejo-uçá do Delta do Parnaíba/MA/PI. Esse área possui grande importância social, econômica e ambiental tanto para o Estado de Piauí, como para o Estado Maranhão, este último, onde focamos nosso objeto de pesquisa. No campo da cultura Castells (1999), discute suas relações com identidade e também atividades econômicas como o campesinato se utilizando de conceitos de Wanderley (2014), Chayanov (1924) e Cândido (2010). Nesse contexto sócio econômico em que essa pesquisa se enquadra, a atividade da *cata* do caranguejo é considerada, pelos órgãos gestores (ICMBio/IBAMA), a principal fonte de renda local, sendo seguida pela atividade agrícola camponesa. Nesta pesquisa, revemos essa afirmação e nos propomos a investigar se de fato à *cata* do caranguejo é mesmo a principal fonte de renda da comunidade ou não, como afirma os órgãos gestores. Objetivou-se levantar os elementos identitários a partir da história, das tradições e dos costumes da comunidade com a finalidade de identificar, a partir das percepções dos moradores de Pedrinhas o real impacto que a atividade da *cata* do caranguejo possui na economia local, bem como a representatividade econômica da agricultura familiar na economia das famílias. Como resultados, esta pesquisa busca compreender como se dá o processo de transformação identitária, social e econômica, por meio dos elementos que formam a identidade local da comunidade, sendo que a atividade econômica é um dos elementos principais para a formação identitária local.

Palavras-chave: Identidade. Campesinato. *Cata* de Caranguejo. Comunidade Pedrinhas.

MACHADO JUNIOR, José Arnaldo Souza. O Processo de Construção da identidade da Comunidade Pedrinhas no Delta do Parnaíba em Araisos-Ma e suas Relações de Trabalho. 122f. Dissertação de Mestrado, 2017. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ABSTRACT

This study looked for to identify the process of identity and sociocultural construction of the residents of the Pedrinhas community and their working relationships: agriculture, fishing and crab fishing of the Delta do Parnaíba/MA/PI. This area has great social, economic and environmental importance both for the State of Piauí and for the State of Maranhão, where we focus our research object. In the field of culture, Castells (1999) discuss his relations with identity and economic activities such as the peasantry using concepts of Wanderley (2014), Chayanov (1924) and Candido (2010). In a socioeconomic context in which this research fits, the management organs (ICMBio / IBAMA) consider the activity of crab fishing as the main source of local income, followed by peasant agricultural activity. In this research, we review this statement and we propose to investigate whether or not the crab fishing is really the main income strong of the community or not, as the managing organs states. The objective was to raise the identity elements from the history, traditions and customs of the community with the purpose of identifying, from the perceptions of the residents of Pedrinhas the real impact that the activity of the crab fishing has in the local economy, as well as the economic representativeness of family agriculture in the family economy. As results, this research seeks to understand how the process of identity, social and economic transformation takes place, through the elements that form the local identity of the community, and economic activity is one of the main elements for local identity formation.

Keywords: Identity. Peasantry. Crab Fishing. Pedrinhas community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Mapa Bacia do Rio Parnaíba	21
Figura 2 Mapa Delta do Rio Parnaíba	23
Figura 3 Mapa Reserva Extrativista Delta do Rio Parnaíba	26
Figura 4 Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	34
Figura 5 Praça Viva Araióses	36
Figura 6 Novo Fórum des. João Alves Teixeira	37
Figura 7 Velha usina elétrica de Araióses	38
Figura 8: Biblioteca Municipal de Araióses antes da reforma	39
Figura 9: Biblioteca Municipal de Araióses após da reforma	39
Figura 10 Croqui do Território Atual da Comunidade Pedrinhas	48
Figura 11 Estrada de Barro da Comunidade Pedrinhas, MA- 312	51
Figura 12 MA-312 entre a Comunidade Coqueiro e Água Doce do Maranhão	52
Figura 13 Território de Abrangência da Rota das Emoções	54
Figura 14 Modo Antigo de transporte do Caranguejo-uçá no Delta	87
Figura 15 Modo Atual de transporte do Caranguejo-uçá no Delta	88
Figura 16 Caranguejo-uçá	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Família 1.....	91
Tabela 2: Família 2:	97
Tabela 3: Família 3	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IBAMA	Instituto Brasileiro Meio Ambiente Recursos Naturais Renováveis
APA	Área de Proteção Ambiental
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
RESEX	Reserva Extrativista
UC	Unidades de Conservação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA	13
1.1 INTRODUÇÃO.....	13
1.2 COMUNIDADES CAMPONESAS	14
1.3 DELTA DO PARNAÍBA E SUA RELAÇÃO COM O MUNICÍPIO DE ARAIÓSES/MA	20
1.4 A DESCOBERTA DA MA-312 E O PROJETO TURÍSTICO ROTA DAS EMOÇÕES	500
2 CULTURA, IDENTIDADE E O MODO DE VIDA EM COMUNIDADE	577
2.1 AS TRADIÇÕES LOCAIS DE PEDRINHAS	700
3 ASPECTOS ECONÔMICOS CULTURAIS DE PEDRINHAS	80
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	1111
REFERÊNCIAS	1144
ANEXOS	11919
ANEXO A - ASPECTOS ECONÔMICOS MUNICIPAIS DE ARAIÓSES...	1200

1 INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

1.1 INTRODUÇÃO

Pedrinhas é uma pequena comunidade localizada no município de Araióses/MA a cerca de 30 Km da sede municipal, e está inserida na Área de Proteção Ambiental¹ Delta do Parnaíba² e margeia a Reserva Extrativista³ Marinha de mesmo nome, de modo a ser sua usuária direta. Com esta pesquisa, buscou-se destacar a percepção dos moradores de Pedrinhas em Araióses/MA, utilizando-se de um estudo qualitativo e quantitativo sobre a estrutura sociocultural, identitária e econômica desse grupo social, através da *cata*⁴ do caranguejo-uçá e da agricultura familiar.

Nesse contexto socioeconômico em que a presente pesquisa se enquadra, a atividade da *cata* do caranguejo é considerada pelos órgãos gestores (ICMBio/IBAMA) a principal fonte de renda local, seguida pela atividade agrícola camponesa. Neste trabalho, busco rever esta afirmação e me proponho a investigar se de fato à *cata* do caranguejo é a principal fonte de renda da comunidade, como afirmam os órgãos gestores, a ponto de influenciar políticas públicas e a própria identidade desse grupo social.

¹ A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (SNUC, art. 15, 2011).

² Delta do Parnaíba: nome dado a foz do Rio Parnaíba, que ao encontrar-se ao Oceano Atlântico forma um grande estuário com o formato da letra grega Δ , no mundo existe somente mais três formações semelhantes. A respeito disso, trataremos mais adiante.

³ A Reserva Extrativista é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade. (SNUC, art. 18, 2011).

⁴Categoria êmica: conceito que uma comunidade/população dá a determinada ação, mas que não faz parte da linguagem coloquial da Língua Portuguesa. A abordagem êmica procura compreender determinada cultura com base nos referenciais dela própria. Ou seja, a visão de dentro, por outro lado a abordagem ética refere-se a uma interpretação de aspectos de outra cultura a partir das categorias daqueles que a observam, isto é, dos próprios pesquisadores e investigadores. Em outras palavras, a abordagem ética é a visão externa, dos observadores e investigadores que estão olhando de fora, em uma postura transcultural, comparativa e descritiva, enquanto a abordagem êmica é a visão interna, dos observados que estão olhando de dentro, em uma postura particular, única e analítica. Então, a abordagem ética corresponde à visão do eu em direção ao outro, ao passo que a abordagem êmica corresponde à visão do eu em direção ao nosso. (ROSA; OREY, 2002)

Também me proponho a levantar os elementos identitários a partir da história, das tradições e dos costumes da comunidade e, identificar, com base nas percepções dos moradores de Pedrinhas, o real impacto que a *cata* do caranguejo possui na economia local, bem como a representatividade econômica da agricultura familiar na economia das famílias.

Este trabalho dissertativo está composto por quatro capítulos. O primeiro é um capítulo introdutório, nele foco em fazer uma apresentação geral da comunidade trazendo elementos externos, mas que influenciam de uma certa forma no modo de vida local. Apresento o Delta do Parnaíba, sua formação e as populações que já o habitaram no passado, tanto de Araiõeses, como os primeiros moradores que começaram o processo de povoação da comunidade Pedrinhas e região. Também discuto sobre o conceito de “mínimo vital”, sendo esse, um conceito marxista apropriado por Cândido (2010) em seu trabalho sobre os Parceiros do Rio Bonito.

No segundo capítulo trago os conceitos de Memória, Cultura, Identidade e Modo de Vida em Comunidade, bem como, a discussão teórica sobre campesinato, apresentando falas de moradores a respeito do modo de vida na comunidade Pedrinhas.

No terceiro capítulo, faço um perfil econômico da comunidade, nele demonstro através de tabelas, o real impacto que a agricultura camponesa possui na vida dos moradores de Pedrinhas e como a *cata* do caranguejo influencia na economia local.

Por fim, o quarto capítulo é conclusivo. Nele trago os resultados obtidos através desta pesquisa. Logo após estão as referências e anexo.

1.2 COMUNIDADES CAMPONESAS

A respeito da economia de comunidades camponesas, Candido relata em seu livro intitulado ‘Os Parceiros do Rio Bonito’ (2010, p. 23) que “as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõe para satisfazê-las. ”. Nesse contexto apresentado por Candido, podemos destacar Pedrinhas, que dispõe de muitos recursos, tanto de ordem natural, social e comunitária, dos quais a comunidade desenvolveu seu modo de pensar e agir no decorrer das

gerações. Entretanto, o poder público tem seu papel como mediador de certos recursos que independem da autonomia comunitária dos moradores. A falta de amparo dos governos causa fissuras que dificilmente serão sanadas.

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. (CANDIDO, 2010 p. 23)

Esse equilíbrio é vital para que a comunidade se desenvolva e prospere em meio as adversidades encontradas no caminho. A sociedade nem sempre proporciona esse equilíbrio tão necessário e, muitas vezes, restringe o mínimo que essas comunidades necessitam para sobreviver, provocando perdas culturais gigantescas.

De todo modo, há para cada cultura, em cada momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Mínimos vitais de alimentação e abrigo, mínimos sociais de organização para obtê-los e garantir a regularidade das relações humanas. Formulando nesses termos, o equilíbrio social depende duma equação entre o mínimo social e o mínimo vital. (CANDIDO, 2010 p. 25)

O mínimo vital é, como afirma Candido (2010), o mínimo que uma comunidade/sociedade/cultura necessita para que se mantenha em total equilíbrio. Um exemplo bem característico pode ser observado em comunidade camponesas, pois, nesse exemplo, o mínimo vital é o mínimo de recursos que mantém a sobrevivência desta, seja esse mínimo de alimentação, moradia ou social, como fala Candido (2010). O que excede o mínimo, ainda no exemplo do campesinato, no caso da alimentação, o camponês produz somente o necessário para a sobrevivência. Entretanto, quando há sobras, as mesmas são vendidas na feira mais próxima. Com essa renda extra, o camponês compra o que mais a família necessitar, sejam roupas, calçados ou alimentos não produzidos por ele. Archetti⁵ (2014, p. 17) fala que “[...] O camponês, ao utilizar a força de trabalho de sua família e a sua própria, percebe esse ‘excedente’ como uma retribuição ao seu próprio trabalho, e não como ‘lucro’.” O lucro é um

⁵ Artigo inserido no livro Chayanov e o campesinato. Ed. 2014

conceito capitalista, conforme o autor, assim como o termo salário, pois são categorias inexistentes no campesinato, logo essa retribuição, assim vista pelo camponês, aparece introduzida no consumo familiar de bens e serviços, aos quais a família dispõe e/ou necessita. “Os camponeses são produtores de mercadorias, mas não são por isso capitalistas” Archetti (2014, p. 23). A vida do camponês é baseada em trabalho, sobrevivência e vida social. A respeito desse assunto, Chayanov (2014, p. 105) afirma:

Este produto do trabalho familiar é a única categoria possível de rendimento para uma exploração artesanal ou camponesa baseada no trabalho familiar, visto não existir maneira de decompor analítica e objetivamente o rendimento. Posto que o fenômeno social de salário inexistente, também não existe o fenômeno social de lucro líquido.

Se não há salário e lucro, não há necessidade de grandes produções, pois o camponês irá produzir somente o necessário, ou seja, o mínimo que garanta a sobrevivência do grupo familiar. Entretanto, o conceito de mínimo vital não se aplica nos dias atuais, pois o ser humano não vive somente com o mínimo para sua sobrevivência, mesmo em pequenas comunidades, como no caso dos camponeses, sempre há outras necessidades sejam elas em qualquer âmbito.

Esta discussão pode ser aplicada à comunidade Pedrinhas, pois é uma comunidade que se caracteriza pelo campesinato de terra e água, por extrair seus recursos tanto da agricultura familiar quanto das regiões litorâneas como o mangue e o mar, mas que necessita não somente dos mínimos vitais, também vários outros elementos sociais e econômicos que facilitam e viabilizam a vida humana moderna. Pois, como fala Cândido (2010, p.23) “[...] o equilíbrio social depende em grande parte da correlação entre as necessidades e sua satisfação”. Cada comunidade necessita de determinados insumos, não há como comparar umas e outras, mas sabe-se que cada comunidade em determinado momento histórico constrói sua percepção sobre um mínimo vital. Cada momento histórico ao qual passa a comunidade, esse mínimo vital vai se moldando e readaptando as necessidades que vão surgindo, bem como deixando para trás elementos que já não são mais necessários. A respeito disso, Cândido (2010, p.25), afirma:

[...] Para cada sociedade, num determinado momento, há uma equação necessária entre o ajuste ao meio e a organização social. Nas sociedades civilizadas, de grande volume demográfico, há tantas sub equações quanto grupos diferentes pelo gênero de vida – pois há um ajustamento do camponês e outro do cotidiano; do rico e do pobre; do lavrador e do criador, etc.

Não há como quantificar o que cada comunidade/família camponesa necessita no decorrer de sua existência, entretanto podemos analisar os elementos que a compõem no momento atual, na tentativa de compreender sua dinâmica de sobrevivência.

No que tange Pedrinhas, apesar de pouco investimento do poder público (saúde, educação, lazer), a mesma existe a mais de cento e cinquenta anos, mesmo não havendo registros históricos oficiais que comprovem isso, apenas a memória oral dos moradores, tornando esta pesquisa de grande importância, por fazer um registro histórico da comunidade. Desse modo, identificamos o senhor com Inicial do nome C. que é agricultor, aposentado e é a pessoa mais velha nascida da comunidade ainda viva com 83 anos no ano de 2017. Por meio da memória dessa pessoa é possível calcular, a grosso modo, a idade da comunidade. Quando foi entrevistado senhor C tinha 80 anos e sua fala está identificada da seguinte forma: (SENHOR 8, 80 anos, Agricultor/aposentado, 2014), senhor C conheceu a primeira moradora da comunidade e possui memórias desse período, a respeito disso, tratamos a partir da página 39.

Próxima ao mar, no meio do Delta do Rio Parnaíba, Pedrinhas pode desenvolver atividades de pesca diversas, bem como a *cata* do caranguejo-uçá que a partir da década de 1970, segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), tornou-se a principal fonte de renda direta de toda a região. Tais fatores econômicos geram um grande problema na região do Delta, não só Pedrinhas, que é mais uma comunidade que passa por problemas semelhantes das outras da região, sendo a variante, tamanho e população, Pedrinhas é uma das menores.

Em Pedrinhas sempre houve *catadores* de caranguejo, agricultores, pescadores, no entanto, tais atividades eram realizadas com o objetivo principal da subsistência, e compunham o que chamo de renda indireta, aquela renda que uma família adquire através do trabalho na terra ou na pesca, sem que haja a

comercialização desses insumos. Mas, foi a partir da década de 1970 que esse quadro começou a mudar, foi nesse período que começou a surgir cada vez mais compradores interessados no caranguejo. Antes disso, o caranguejo era *catado* prioritariamente para o consumo familiar. Como a região sempre teve abundância desse crustáceo, logo surgiu compradores interessados na sua comercialização. A partir daí, com o passar dos anos, o caranguejo do delta começou a ser comercializado para toda região do entorno, além dos estados vizinhos Piauí e Ceará, atualmente o maior mercado consumidor do Crustáceo do delta é a cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

Logo, a trajetória do caranguejo, partindo de Pedrinhas, que é nosso campo de estudo, após ser catado, é encaminhado à comunidade vizinha, Carnaubeiras, também localizada no município de Araióses/MA, uma das maiores e mais importantes comunidades do delta, pois é dela que saem diariamente o escoamento oriundo da *cata* de caranguejo-uçá de toda a região. De lá, o crustáceo é encaminhado ao porto dos Tatus, no município de Ilha Grande no Piauí, onde é vendido e distribuído, sendo que muitas vezes sai todo vendido de Carnaubeiras, onde se encontram os principais compradores.

Mas para além das atividades econômicas tradicionais da região, o turismo, atividade econômica do terceiro setor, tem se tornado cada vez mais presente no local, principalmente por empresas privadas que detêm o monopólio da atividade e que priorizam um modelo capitalista que visa somente o lucro acima dos impactos ambientais. Mesmo com estratégias de *marketing* voltadas a um turismo 'ecológico', não é isso o que tem sido observado.

De fato, a atividade turística faz-se presente na localidade, entretanto sem representatividade e participação dos moradores locais. Com isso, muito pode ser perdido, principalmente ao que se refere a cultura e tradições locais, técnicas e o 'saber fazer' que é passado de geração em geração. O turismo pode trazer grandes benefícios, mas o contato dos visitantes com os moradores pode interferir na cultura, proporcionando uma troca cultural impossível de ser mensurada, podendo até se tornar um elemento de sua formação, através do que se compreende como homogeneização de culturas. Em relação a isso, sabemos também que as tradições não são estáticas, ou seja, estão o tempo inteiro em processo de transformação, apesar do uso do termo 'Comunidade

Tradicional’, neste estudo, Pedrinhas também passa por esse processo de transformação, talvez seja o caso de usar o termo ‘comunidade Centenária’.

Para Cardel (2014)⁶, o termo tradicional nos leva a crer em uma espécie de congelamentos das funções sociais de uma comunidade, o que é equivocado, pois todo grupo social passa por mudanças e no decorrer de uma sociedade muitas tradições podem ser agregadas enquanto outras caem no esquecimento, por isso, é de grande importância acompanhar o desenvolvimento do turismo nessas comunidade, que de certa forma estão mais vulneráveis, não só aos benefícios, como também aos malefícios provindos com a atividade turística.

O turismo, como qualquer atividade econômica pode gerar benefícios e problemas, no caso do turismo cultural pode gerar custos sociais difíceis de serem estimados, mas nem por isso são menos importantes. Segundo Lickorish e Jerkins (2000), o turismo cultural pode ameaçar os hábitos tradicionais das comunidades receptoras, da mesma forma que pode tornar-se o elemento que irá garantir a manutenção de tradições originais que atraem o turista, ou passo que podem produzir novas tradições a essas comunidades.

É importante proteger e manter as heranças culturais, além de lidar com os problemas relacionados: o comércio ilegal de objetos históricos e animais, pesquisa arqueológicas não-oficiais, a erosão de valores estéticos e de um certo *know-how* técnico, o desaparecimento de pessoas com habilidades manuais altamente qualificadas, etc. (IBIDEM, 2000, p. 108).

Esse *know-how* é na verdade o ‘saber fazer’, retratado aqui anteriormente, são técnicas que são passadas de geração em geração, ou seja, as tradições, uma comunidade centenária, pode possuir tanto tradições milenares como podem estar surgindo novas nesse exato momento. Mas, claro que é importante também preservar tradições, muitas vezes são elas que

⁶ Usa-se o termo comunidades centenárias em substituição ao conceito de comunidade ou sociedade tradicional, pois, segundo essa concepção, o termo tradicional engessa a possibilidade de pensar e analisar as mudanças engendradas pelos sujeitos históricos; mas, ressalta-se que ambos os conceitos carregam uma ideia abstrata de temporalidade. Entretanto, o conceito de “centenária” tira a perspectiva de congelamento trazido pelo conceito “tradicional” e adiciona historicidade às comunidades camponesas. É neste sentido que se advoga que comunidades “centenárias”, para um país pós-colonialista, é um conceito mais denso do que o conceito “tradicional”, que remete ao exotismo da atemporalidade. (CARDEL, 2014. p.634)

representam um determinado local e perdê-las pode acarretar uma desapropriação cultural nas gerações seguintes. Entretanto, para que esses problemas sociais não ocorram, ou que ocorram de forma menos acentuada, é necessário que a localidade esteja preparada para a atividade, seja o turismo ou qualquer outra, a fim de que haja maior aproveitamento e participação da comunidade no processo, pois de nada adianta o turismo se a localidade receptora não está pronta para o mesmo, isso pode gerar vários problemas sociais e econômicos.

O turismo, como já discutido, possui grande importância econômica e sócio cultural, nessa perspectiva a cultura dos povos também possui grande importância, seja cultural, social e/ou econômica. Sabe-se que com o desenvolvimento da atividade em pequenas comunidades a tendência é que a atividade tradicional da comunidade se perca com o passar de gerações, pois o turista traz consigo uma bagagem cultural que de uma certa forma é repassada para os nativos, do mesmo modo o turista leva consigo a assimilação da cultura visitada.

Nessa troca, proporcionada pelo turismo, muito se perde e também se agrega, entretanto, a atividade também pode ser o fator que venha a ser crucial na manutenção das tradições locais que formam a identidade, mesmo que com o passar do tempo essa tradição passe a ser assimilada por poucos na comunidade, a mesma não se perde e/ou tem sua manutenção prolongada, ainda que de forma estática ou estagnada no tempo.

De todo modo “[...]o turismo cultural nem sempre significa aprendizagem e educação intercultural.” (PÉREZ, 2009, p.112), pois em alguns casos se torna mais um ‘produto’ que o turista pode escolher, sem que haja o intercâmbio cultural.

1.3 DELTA DO PARNAÍBA E SUA RELAÇÃO COM O MUNICÍPIO DE ARAIÓSES/MA

O Rio Parnaíba, conhecido também como ‘O Velho Monge’, tem suas origens na Serra da Tabatinga, que limita o Piauí com a Bahia, Maranhão e

a região onde encontra-se maior número de fábricas, como fábricas de celulose, açúcar e álcool.

No município piauiense de Guadalupe, região do Médio Parnaíba, existe a Barragem de Boa Esperança, que faz parte da Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, inaugurada em 1970, construída pelo então presidente do Brasil Castelo Branco. A usina é parte integrante do sistema Companhia Hidrelétrica do São Francisco. É a mais importante do Nordeste Ocidental brasileiro e representa cinco bilhões de metros cúbicos de água do Rio Parnaíba (MENDES, 2007).

De acordo com Mendes (2007), o Parnaíba ainda possui grande importância econômica e cultural, pois foi uma via de grande importância para o Estado. A partir de 1858, com a criação da Companhia de Navegação do Rio Parnaíba, o rio tornou-se a principal via de transporte e escoamento de produção de norte a sul do estado do Piauí, além de fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas que viviam em suas margens, pois era dele que tiravam a água para uso geral e também alimentício.

No Piauí, a ausência e precariedade de estradas de rodagem que dificultavam o escoamento de produção, recebimento de mercadorias, e as comunicações de um modo geral, levava o governo provincial, comerciantes e pecuaristas a juntarem esforços para viabilizarem a 'Estrada Natural' que integrava toda a província: o Rio Parnaíba (MENDES, 2007, p.27).

Além de ter feito parte de um importante ciclo econômico⁸, o Rio Parnaíba também possui uma grande importância ecológica e social, pois ao aproximar-se do Oceano Atlântico, sua foz forma um grande estuário em forma de triângulo, lembrando a letra grega delta Δ , formando o Delta do Rio Parnaíba, o único em mar aberto das Américas. A região possui grande vocação ecoturística, científica e turística cultural.

O Delta do Rio Parnaíba é a única formação geomorfológica dessa natureza das Américas, e a terceira no mundo. São cerca de 80 ilhas, antes habitadas por índios Teremembés, que se dividem em cinco ramificações e chegam até o mar. Semelhante a este delta só o Rio Nilo na África, e o Mekong, na Ásia (SESC, 1996, s/p.).

⁸ Em destaque para a cera de carnaúba.

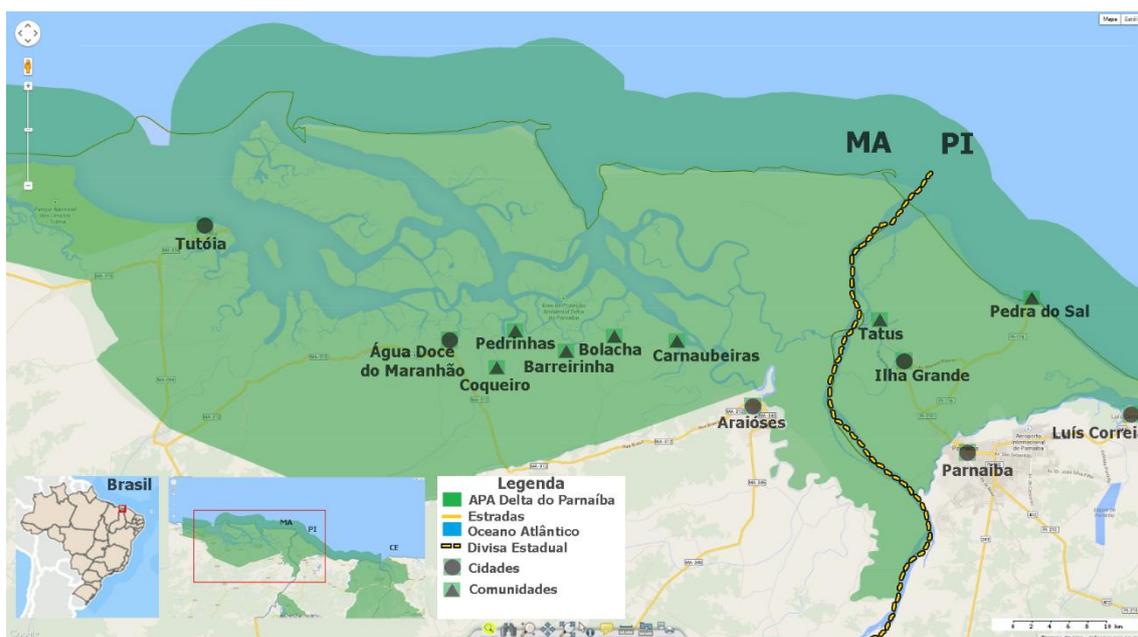


Figura 2: Mapa Delta do Parnaíba. Fonte: ICMBio (2014, com alterações do autor)

A área territorial do Delta do Parnaíba é de cerca de 2.750 Km² (GUZZI, 2012), com 65% da área localizada no Maranhão e 35% no Piauí. O Delta é formado, aproximadamente, por 80 ilhas e ilhotas, cercadas por rios, igarapés e baías (MACHADO, 2009). A região também é uma área de transição entre vegetação marinha e a caatinga (típica no Nordeste brasileiro) bem como vários outros ecossistemas, possui extensas florestas de manguezais e enormes áreas dunares.

A região é grande produtora de caranguejo-uçá, exportando-o para várias regiões do país e, principalmente, para a cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará que é o principal mercado consumidor do caranguejo da região. O Delta ainda é formado por cinco barras onde se formam as baías: do Caju, Melancieiras e Tutóia, no Maranhão; Canárias, na divisa estadual [Maranhão e Piauí]; e Igarçu, no Piauí. Caracteriza-se, também, como um complexo mosaico de ecossistemas formados por baías e estuários (GUZZI, 2012), que se estendem pelos municípios de Paulino Neves/MA, Tutóia/MA, Água Doce do Maranhão/MA, Araióses/MA, Ilha Grande/PI, Parnaíba/PI e Luís Correia/PI.

Ainda relacionado à biodiversidade do Delta, Guzzi (2012, p.3) complementa que:

Caracteriza-se como uma região flúvio-marinha bastante dinâmica formada pela tensão ecológica entre as formações de Cerrado, Caatinga e Sistemas marinhos. Devido à sua alta produtividade primária é considerado como um santuário reprodutivo para inúmeras espécies migratórias.

Sobre sua diversidade ecológica, Machado (2009) afirma que o Delta apresenta uma floresta tropical com diversidade de fauna e flora. Quanto à fauna, conta com mais de 140 espécies de aves conhecidas, dentre elas: o guará (cuja cor vermelha é destaque entre as demais), a garça preta (muito rara), garças brancas, tucanos, xexéus, sabiás, pica-paus, urubus, marrecos de várias espécies, patos selvagens, frangos d'água, martins-pescadores, maçaricos, jacus, socós, anus, gaviões, águia pescadora dentre outros; dos répteis são encontrados cobras de várias espécies, jacarés do papo amarelo, camaleões e tiús, etc.; animais como: veados, tatus, cotias, guaxinins e raposas, também podem ser encontrados na região (MACHADO, 2009). Em relação à flora pode-se encontrar carnaubais, vegetação tropical diversa, e típicas das regiões litorâneas, como o mangue, que é considerado como o berço da vida maninha. (MACHADO, 2009)

Para Machado (2009, p.48) “O mangue é uma vegetação que aparece no litoral, em solos lamacentos. Situa-se em áreas atingidas pelo mar, até onde a salinidade se faça notar”. Ainda conforme a autora (2009), os principais tipos de mangue encontrados na região do delta são: mangue branco, canoê ou siriba, vermelho, jiquiri, de bolota, algodão bravo e cipó de leite. Nesse berço da vida marinha, pode-se encontrar moluscos como: ostra, lagosta, sururu, marisco, caranguejo-uçá, corredeiras, aratun, camarão e siri; além de uma diversidade de peixes nos rios e igarapés que formam o delta, proporcionando uma fonte de alimento e renda aos moradores da região.

Pela importância ecológica, econômica e social da região, foi criada a Área de Proteção Ambiental - APA Delta do Parnaíba pelo decreto de 28 de agosto de 1996, tendo em vista o que dispõe o art. 8º da Lei nº 6.902, de 27 de abril de 1981, a Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e o Decreto nº 99.274, de 6 de junho de 1990 (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 1996).

A APA do Delta envolve uma área bem maior, desde o Estado do Maranhão, com os municípios Paulino Neves, Tutóia, Água Doce do Maranhão e Araióses; Piauí, com os municípios de Ilha Grande, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia; e o Ceará com Chaval e Barroquinha (ARARIPE, 2006). No total, registra-se 307.590,51 hectares, incluído a área marítima (ICMBIO, 2014).

O Decreto Federal (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 1996), que criou a APA, ainda definiu os seguintes objetivos: proteger a foz dos rios Parnaíba, Timonha e Ubatuba, com sua fauna, flora e complexo dunar; proteger remanescentes de mata aluvial; proteger os recursos hídricos; melhorar a qualidade de vida das populações residentes, mediante orientação e disciplina das atividades econômicas locais; fomentar o turismo ecológico e a educação ambiental; e preservar as culturas e as tradições locais.

Como citado, em 1997 foi criada a APA Delta do Parnaíba na região que compreende a foz do Rio Parnaíba, abrangendo áreas nos Estados do Maranhão, do Piauí e do Ceará. Entretanto, em 16 de novembro de 2000, sobreposta à APA, foi criada a Reserva Extrativista - RESEX Marinha do Delta do Rio Parnaíba que, como a APA, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, está enquadrada no grupo de Unidades de Uso Sustentável.

A RESEX Delta do Parnaíba, segundo dados do ICMBio (2014), possui uma área de 27.021,65 hectares, abrangendo toda Ilha de Canárias e seu entorno. Pedrinhas não está inserida na RESEX, entretanto encontra-se em seu entorno, margeando a reserva, de modo a ser usuária direta.

Entende-se que, mesmo uma comunidade não estando localizada geograficamente dentro de uma unidade de conservação, como no caso da comunidade Pedrinhas, se os moradores da mesma, trabalham e tiram seu sustento de dentro da unidade, são, portanto, usuários e beneficiários da unidade, sendo garantido os mesmos direitos adquiridos de quem vive dentro da unidade referenciada. Tanto que, no ano de 2014, foi realizado o Levantamento das Famílias da RESEX Delta do Parnaíba pelo ICMBio, na pesquisa foram incluídas todas as comunidades do entorno da unidade, inclusive Pedrinhas, (Figura 3). A pesquisa tinha como objetivo mapear a RESEX e identificar as

necessidades das famílias que vivem do extrativismo do caranguejo-uçá do Delta do Parnaíba.

Segundo o Levantamento das Famílias da RESEX (ICMBio, 2015), o principal motivo que levou os moradores da unidade a residirem na unidade foi por terem nascido no local, outros por motivos profissionais, econômicos e o casamento com residentes foram alguns dos principais motivos, sendo que 96% dos entrevistados no levantamento estão, de maneira geral, satisfeitos com o lugar em que vivem. Os outros, queixam-se principalmente da falta de recursos.

Esse levantamento foi de muita importância para essas comunidades, pois foi a oportunidade que elas tiveram para mostrar ao ICMBio, órgão gestor da unidade, seus problemas e necessidades, para a criação das políticas públicas necessárias. No decorrer desta pesquisa serão apresentados alguns dados, considerados relevantes do levantamento.

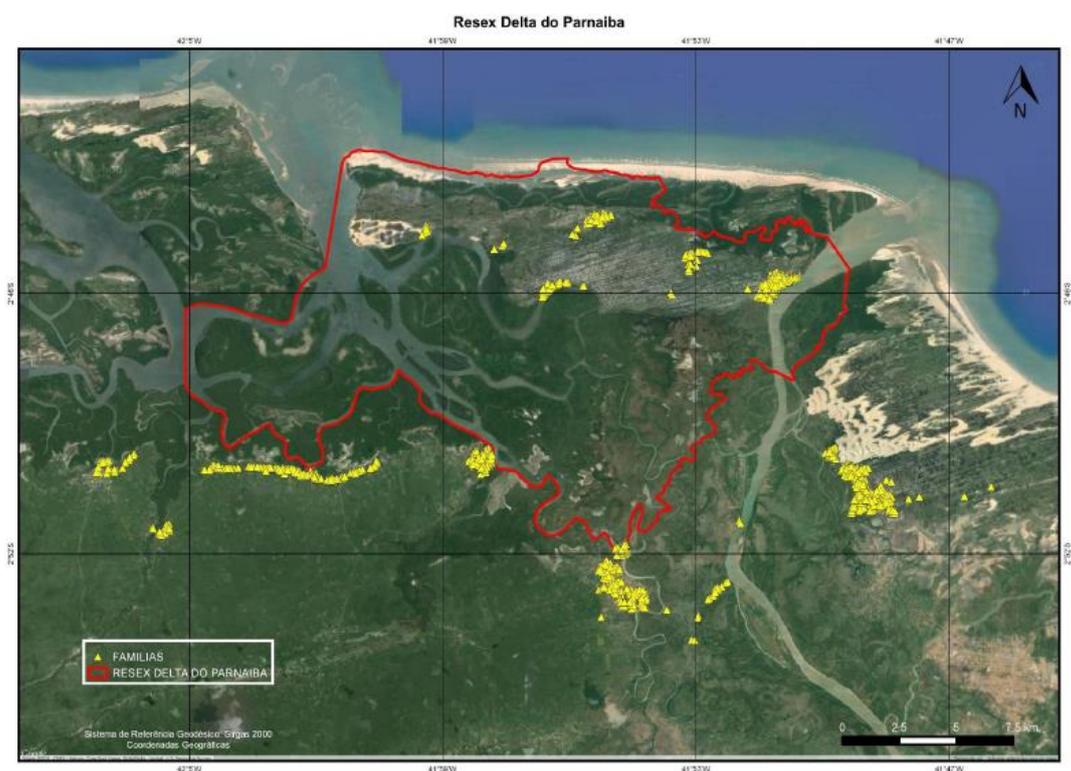


Figura 3: Mapa Reserva Extrativista Delta do Parnaíba – MA/PI (ICMBio, 2015)

A RESEX do Delta do Parnaíba, foi criada, além do objetivo de proteger o modo de vida e a cultura das populações locais que se utilizam dos recursos naturais da reserva para sua sobrevivência, em especial, com o objetivo de

proteger e regulamentar o extrativismo do caranguejo-uçá, que é o principal recurso de proteção da unidade.

Levando em conta os usos e o manejo das áreas de preservação ambiental preestabelecidos no SNUC, deve ser observado que, em grande parte das áreas de preservação, existe a presença humana constante, moradores e/ou visitantes. No caso dos nativos, que vivem tradicionalmente no local bem antes da criação da área de proteção, possuem um modo de vida característico culturalmente desenvolvido, de modo que limitar o uso dos moradores em seu território pode gerar grandes conflitos. Além disso, existe o turismo que está ficando cada vez mais presente em áreas de proteção com práticas de ecoturismo, turismo de aventura, turismo científico e turismo cultural, como é o caso do Parque Nacional de Fernando de Noronha/PE e o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses/MA. A ação humana é capaz de gerar danos irreversíveis ao meio ambiente e à cultura local, sendo o turismo o meio pelo qual esta ação pode ocorrer mais rapidamente, assim, seu crescimento pode gerar muitos problemas em ecossistemas sensíveis, como é o caso do Delta.

Para que esses problemas sejam evitados e/ou amenizados, faz-se necessária a criação de um plano de manejo, que deve ser elaborado no prazo de cinco anos a partir da data de criação da área protegida (SNUC, 2000, Art. 27º, § 3º). Com ele, haverá a regulação de uso do local, tanto para os moradores das comunidades locais como para a atividade turística, prevalecendo o uso sustentável da área, sem ferir os direitos dos moradores, pois, por já viverem ali e conhecerem a dinâmica e o saber fazer local, sua participação torna-se fundamental na elaboração do plano, como assegura o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, 2000, Art. 27º, § 3º):

Na elaboração, atualização e implementação do Plano de Manejo das Reservas Extrativistas, das Reservas de Desenvolvimento Sustentável, das Áreas de Proteção Ambiental e, quando couber, das Florestas Nacionais e das Áreas de Relevante Interesse Ecológico, será assegurada a ampla participação da população residente.

O SNUC (2000, Art. 2º, XVII) ainda define o plano de manejo como:

Documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu

zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade.

Com a criação do Plano, o monitoramento da área e o apoio dos moradores, o local será beneficiado tanto em conservação quanto em preservação. No Delta do Parnaíba, o plano de manejo começou a ser planejado, mas ainda há muito a ser feito e encontra-se em andamento, principalmente com a atividade turística que ocorre frequentemente na região, os prejuízos podem ser ainda maiores.

Por esse motivo, as várias comunidades localizadas na região sofrem com a falta de manejo e administração pública local. Dentro do espaço geográfico da APA, pode-se encontrar várias comunidades semelhantes, inseridas nos municípios citados desde o Maranhão até Ceará, sendo que no município de Tutóia/MA destaca-se as comunidades: Apoador, Bom Gosto, Lagoinha, Tutóia Velha, Jardim, Ciriema e Ilha Grande dos Paulinos; em Água Doce do Maranhão/MA: Frecheiras, Frecheirinha, Cajazeiras, Guajuru, e Coqueiro; em Araióses/MA: Pedrinhas, Barreirinhas, Bolacha e Carnaubeiras na faixa continental e Ilha do Carrapato, Torto, Morro do Meio, Caiçara da Praia, Passarinho e Canárias localizadas em ilhas do delta; no município de Ilha Grande/PI: Tatus, Labino, Ilha do Urubu, Ilha das Batatas, Barro Vermelho, Canto do Igarapé, Morro da Mariana, Cal e Baixão, localizados em ilhas fluviais; em Parnaíba/PI: Pedra do Sal, Vazantinha e Fazendinha; em Cajueiro da Praia: Fatura, Barrinha e Barra Grande; no município de Chaval: Passagem, Jatobá, Tucuns, Carneiro e Porção; e o município de Barroquinha com as comunidades de Caatinga e Chapada. Todas estão localizadas na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba. Nos municípios de Paulino Neves e Luís Correia, a APA percorre somente sua área marítima, excluindo algumas comunidades. Entretanto, tais comunidades estão inseridas na área conhecida como zona de amortecimento, pois sofrem influências e são muitas vezes usuárias diretas da unidade de conservação, por terem uma relação de trabalho dentro da unidade.

Conforme destacadas as comunidades acima, dentre todas, para esta pesquisa foi escolhida a comunidade Pedrinhas, pois tal comunidade, é pequena, está inserida dentro da APA e é usuária direta da RESEX Delta do

Parnaíba, nesses aspectos não difere muito das outras, mas como este pesquisador possui uma relação mais próxima com essa comunidade, foi possível desenvolver a pesquisa de campo com mais perspicácia, por haver um conhecimento prévio da área e uma relação de parentesco com moradores do local. Mas, antes de falarmos mais profundamente de Pedrinhas, vejo a necessidade de falar um pouco do município de Araióses, pois, este, abriga grande parte das comunidades acima citadas e é também o município que possui a maior área geográfica do Delta do Parnaíba no Estado do Maranhão.

-----*

Araióses, município maranhense, com população estimada de 45.680 habitantes em uma área de 1.782,600 km², possui uma densidade demográfica de 23,84 hab./Km² (IBGE, 2016). Está localizado na mesorregião do leste maranhense e na microrregião do Baixo Parnaíba, às margens do Rio Santa Rosa (afluente do Rio Parnaíba); ao norte, limita-se com o Oceano Atlântico, ao leste com o Rio Parnaíba na divisa com o estado do Piauí, ao oeste, com o município de Água doce do Maranhão e ao sul com os municípios de São Bernardo e Santa Quitéria (MACHADO, 2009).

Sua origem se deu bem antes do descobrimento do Brasil, com os índios Teremembés, não se sabe ao certo quando, mas um pequeno grupo separou-se dos Teremembés e criou sua própria tribo, assim nasceram os Arayós. Mas, foi por volta de 1767, quando o governador Joaquim de Mello e Povoas deu conta de uma visita que fez ao local sua majestade Dom Pedro II, em que o mesmo aludiu o grande fervor católico pela já existência de uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição dos Índios Arayós. No local já viviam os Índios Arayós, tais índios que, ao desmembrarem-se dos Teremembés tempos atrás, firmaram moradia fixa no local onde desenvolveram atividades de pesca e agricultura (MARQUES, 1870). Conforme Machado (2009, p. 18), “Nossos índios [os Arayós], alimentavam-se de caça e pesca; também comiam milho, frutas silvestres, mandioca, amendoim, cará, palmito. Faziam beiju e um bolo feito de milho e caju. ”

Os Arayós surgiram a partir de um grupo de Índios Teremembés que se desmembrou e firmaram moradia onde atualmente está localizada a comunidade de Aldeia, no município de Araióses/MA. Como pode ser observado, Araióses deriva de Arayós, palavra indígena que, segundo Machado (2009), significa alvorecer, despertar ou acordar. Em homenagem aos índios (Arayós) que viviam ali, Araióses foi elevado à categoria de cidade com esse nome, em 29 de março de 1938, pela Lei Estadual nº 045.

Os Teremembés ocupavam toda a região do Delta do Parnaíba e foram os primeiros a habitar a Ilha do Caju, onde formaram morada, criando uma grande aldeia no local que se estendia onde atualmente é a sede administrativa do município de Tutoria/MA, os Teremembés também possuíam um grande aldeamento onde hoje é a sede administrativa do município de Parnaíba/PI (RAMOS, 2013). Os Teremembés do Delta eram ótimos nadadores, tanto que eram chamados de peixes racionais, a respeito disso, Ramos (2013, p.89) complementa:

Eram esses índios entre tantos, insignes nadadores e tão ousados, que só com o auxílio de seus braços e quando muito, de pequeno remo, atravessavam a nado muitas léguas de mar. Quando eram atacados, para se livrarem do perigo, nadavam mergulhados, por muitas horas sem virem o lume da água. E quando faziam isso se armavam de um simples pedaço de pau aguçado nas duas extremidades e curvo; assim afrontavam os tubarões, conseguindo por meio extraordinário matá-los e trazê-los à praia.

De acordo com Ramos (2013), os Teremembés dominavam o Delta do Parnaíba, onde viveram por vários anos, entretanto, eram nômades e viviam se movimentando desde o Cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, ao litoral leste maranhense. Esses grupos não plantavam nem tinham casas fixas e, frequentemente dormiam no chão batido; sua alimentação era composta principalmente por peixes, mariscos e aves marinhas, sendo que quase nunca iam à caça; além de tudo, possuíam profunda adaptação ao meio costeiro. Ainda, conforme o autor, tais costumes podem ser herdados de antepassados que já viviam no litoral há pelos menos 2770 anos. Sobre a ocupação dos Teremembés, Ramos (2013, p.33) fala que:

Toda a região do Delta do Parnaíba era habitada pelos índios Teremembés até o século XIX, quando foram dizimados, devido ao processo de colonização implementado pelos portugueses na região.

Ramos (2013), afirma que o Delta do Parnaíba foi alvo de intensa ação dos jesuítas logo em 1607, com a chegada do Padre Luís Filgueiras. Nas palavras do autor:

A região do delta do Parnaíba, povoada por Teremembés foi alvo de uma intensa ação dos jesuítas. Já em 1607, registra-se a presença de jesuítas na região, quando o padre Luís Filgueiras atravessou o Rio Parnaíba com alguns de seus comandados para se estabelecer no Maranhão, fugindo de novos ataques indígenas nos combates de Ibiapaba, quando deixou para trás o corpo de seu companheiro de expedição Padre Francisco Pinto, morto com crueldade pelos Tacajirus no planalto Ibiapaba. (RAMOS, 2013, p. 31)

Os Teremembés que viviam no Delta dominavam a região, mas também foram alvo de muita retaliação com a chegada dos colonizadores.

Na época do contato se restringiam às praias do Maranhão, passando pelo Piauí e chegando até o Ceará. Seu habitat natural era o Delta do Parnaíba, Baía de Tiraçu e praias do Ceará (Almofada – distrito do município de Itarema), onde ainda resiste a última fronteira Teremembé (RAMOS, 2013, p.47).

Os primeiros contatos do europeu lusitano com os nativos foram, a princípio, cordiais. Já não se pode afirmar o mesmo com relação aos contatos posteriores. Para os portugueses, os índios eram tão-somente seres selvagens, brutais, e desprovidos de alma [...]. Para o europeu, os índios brasileiros não passavam de vagabundos, selvagens, súcia errante de indivíduos bestiais, sem lei ou pátria, desprovidos de cultura, antropófagos e nômades (RAMOS, 2013, p. 101).

Após a separação dos Arayós da tribo dos Teremembés, por volta de 22 de abril de 1741, chegou à aldeia dos índios Arayós, conforme afirma Marques (1870), o português João de Deus, com o objetivo de evangelizar os indígenas daquela região. Entretanto, provavelmente por existir poucos registros históricos da época, alguns fatos divergem em relação a algumas fontes, pois ao passo que Marques (1870) afirma que João de Deus era um português, Machado (2009), afirma que o citado era um mestiço baiano com origens incertas que foi enviado ao local com o mesmo fim descrito por Marques.

De todo modo, após sua chegada à tribo dos Arayós, com sua esposa Dona Mariana, João de Deus afeiçoou-se ao grande cacique Arinhã Magu, logo firmou um pacto de amizade com os índios e incorporou ao seu nome a palavra Magu, em homenagem ao cacique, passando a se denominar a partir daí de João de Deus Magu (MACHADO, 2009).

Logo, João de Deus Magu começou com o processo de ‘civilização’ dos indígenas e, em 1748, construiu a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Arayós. Em 1767, o governador da Província do Maranhão, Joaquim de Melo Povoas, visitou o local, que já era reconhecido como povoado desde 15 de agosto de 1752 quando foi celebrada a primeira missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Tal construção passou por várias reformas e atualmente abriga a Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Araióses. A respeito da ‘civilização’ dos Araiós, Machado (2009, p.23), corrobora da seguinte forma:

Como acontecia nas comunidades civilizadas, dividiu os índios em grupos de famílias, loteou a aldeia, construiu casas para eles, vestiu-os e em 1743 construiu o primeiro campo agrícola da região de onde extraiu uma produção extraordinária de algodão. Em 1748 construiu uma capela cuja padroeira era Nossa Senhora da Conceição. Em 1751 o povoado já contava com 20 casas. Neste ano, João de Deus Magu, foi a São Luís pedir ao Bispo do Maranhão para que designasse um padre para rezar a primeira missa e batizar os índios já todos civilizados. Em 1752 chegou à comunidade o Padre Inácio Pereira da Fonseca onde, no dia 15 de agosto, rezou missa e batizou os índios, na capela Nossa Senhora da Conceição. Este fato marcou época na história do município; é a data da fundação do povoado de Araióses.

A celebração da primeira missa, na capela que hoje é a Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, realmente marcou um momento na história de Araióses, e foi a partir daí, que muita coisa começou a mudar no local. A imagem da Padroeira que já estava no local desde a chegada de João de Deus Magu, entrou numa história que até hoje é lembrada pelos mais velhos, como: O Conto da Santa Fujona.

A imagem da Padroeira Nossa Senhora da Conceição foi entregue pelo Rei de Portugal Dom João VI à João de Deus Magu e Silvério da Silva, seu companheiro, a fim de catequizar e civilizar os Arayós. Com a construção da nova capela, nas terras onde está sediado o município, a imagem foi transferida

para o local, entretanto, os índios não aceitaram. Nesse momento, surge a lenda da santa fujona. A partir daí Araióses passou a ser conhecido na região como 'enjeitado' (MACHADO, 2009).

Com a nova capela, em Araióses, João de Deus Magu transferiu a imagem para este povoado. A madeira do rio, que mais tarde, recebeu o nome de Santa Rosa. Os índios não gostaram da ideia, então traçaram seus planos: altas horas da noite [por várias noites] retiravam a Santa da igreja e levavam para Aldeia; no caminho, deixavam as pegadas de uma indiazinha recém-nascida, para que os estranhos acreditassem que a Santa havia enjeitado a nova morada. Um dos proprietários da capela e sua esposa tiveram uma ideia. Acreditando ser milagre da Santa, eles então furaram o altar e, com uma vara de cordão de ouro grosso de 22 quilates, entrelaçaram a imagem e trataram de ausentar-se do local. Porém, os índios a noite vieram como de costume e, ao verem a Santa amarrada, ficaram tristes e desistiram da ideia (MACHADO, 2009, p.21).

Após esse episódio da Santa fujona e, como tudo demorava a chegar em Araióses naquela época, o povoado ficou conhecido por muito tempo como Enjeitado⁹, e como diziam os mais velhos: 'Nem a Santa queria ficar em Araióses'.

Machado (2009), conta que após a morte de João de Deus Magu [ano desconhecido], pouco a pouco os Arayós foram sumindo, até que toda a tribo desapareceu. A autora complementa que muitos rumaram para o Pará e outras partes do Maranhão. Atualmente não se encontram Arayós nesse território onde viveram por muitos anos antes da intervenção dos colonizadores.

⁹ *masc. plu. part. pass. De masc. plu. de enjeitar*; não querer a posse de. 2 - Recusar.; 3 - Deitar fora.; como refugio.; 4 - Repudiar.; 5 - Expor [crianças recém-nascidas]. (AURÉLIO, Dicionário. 2016.)



Figura 4: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: Máximo Machado (1970).

Ainda em conformidade com Machado (2009), em 15 de maio de 1893, o Decreto Estadual nº 53 oficializa a denominação de Araióses [variação de Arayós] para o local. O povoado de Araióses passa a categoria de Vila, permanecendo nessa categoria até 29 de março 1938, quando, pela Lei Estadual nº 45, Araióses passa à categoria de cidade, sendo governada a partir daí por um prefeito que, até 1945, era nomeado pelo Interventor do Estado. O primeiro prefeito (nomeado) de Araióses foi Sebastião Furtado que, por três meses,

segundo Machado (2009), durante o primeiro ano da criação do novo município, dividiu o poder com Odilon Oliveira. Já no período de 01 de janeiro de 1939 a 15 de julho de 1943 assumiu o poder do município Belarmino Freire, que foi substituído, ao fim de seu mandato, por seu filho Olavo Freire, em 1944. O próximo prefeito a assumir o cargo em Araióses, João Batista de Freitas Diniz, foi eleito através do voto do povo e permaneceu no poder de 01 de janeiro de 1946 à 1951.

Em relação à economia de Araióses, anteriormente aos anos 50, Santos (2000) relata que o município se centrava na extração de pó e na produção de cera-de-carnaúba, que fora sua principal fonte de renda. Nas áreas da vazante dos rios eram cultivados o arroz e a cana-de-açúcar; já a pecuária se desenvolvia nas ilhas e matas, onde também eram cultivados produtos básicos como mandioca [para fazer farinha], milho e feijão. O autor ainda complementa que “Na região atlântica exploram-se as atividades salineiras e pesqueiras, enquanto os caranguejos têm, em Carnaubeiras, o seu habitat, área, por sinal, integrante do Delta do Parnaíba.” (IBIDEM, 2000, 32).

Araióses/MA também foi a primeira cidade do interior do Estado do Maranhão a ser contemplada, em primeiro de junho de 1940, com a instalação de uma agência, do já extinto, Banco do Estado do Maranhão S/A (SANTOS, 2000). O autor ainda afirma que:

Tal privilégio deveu-se à política adotada pelos dirigentes de então, daquela meritória instituição de crédito, de incrementar a economia, tendo como base a produção agrícola e extrativa voltada, prioritariamente, à exportação [da cera de carnaúba]. [...]. Em função disso, o Governo Estadual cuidou de instalar, às margens do rio Santa Rosa, um armazém para servir de ponto de classificação de cera-de-carnaúba, que era transportada via barcos puxados pelo vapor São Bento até Tutóia ou Parnaíba, para em seguida, ser comercializada no exterior. (SANTOS, 2000, p.35)

Nessa época, em destaque a década de 1950, Araióses viveu seu apogeu econômico, momento no qual teve grandes investimentos por parte do governo do Estado. Entretanto, de acordo com Ramos (2000), os principais países que importavam a cera de carnaúba, em especial os Estados Unidos, começaram a utilizar-se de novos processos tecnológicos. Desse modo,

encorpou-se sintéticos nos produtos em que a cera-de-carnaúba participava como insumo básico. Esse fato acarretou numa grande redução na sua exportação, que foi, com o passar dos anos, paulatinamente se reduzindo até atingir praticamente, sua exaustão. Em decorrência disso, além da inadimplência dos empresários do setor primário, levaram a Direção do Banco do Estado do Maranhão S/A, a encerrar suas atividades na agência de Araióses já no ano de 1952 (SANTOS, 2000).

O velho armazém, prédio construído pelo governo de Estado, na época, para servir de entreposto comercial e de produção da cera-da-carnaúba, com a sua paralisação teve suas instalações utilizadas por alguns anos para a realização de eventos culturais como: dramas, peças teatrais, comédias etc. Posteriormente, após sofrer uma ampla reforma pelo poder municipal, o antigo prédio abrigou até 2002 o Fórum Drº João Alves Teixeira Neto (SANTOS, 2000), quando foi demolido para a construção da Praça Viva Araióses, que compõe atualmente uma área bem maior que a área do antigo prédio às margens do Rio Santa Rosa. Como no antigo prédio funcionava o Fórum local, foi construído um novo prédio em um terreno ao lado, onde hoje é o Fórum de Araióses, conforme fotos a seguir.



Figura 5: Praça Viva Araióses, Fonte: Pesquisa (2016)



Figura 6: Novo Fórum Des. João Alves Teixeira Netto. Fonte: Portal do Poder Judiciário (2016).

Pela importância econômica que a cidade possuía para o Estado, Santos (2000), afirma também que Araióses foi uma das primeiras cidades do Maranhão a receber energia elétrica, gerada a partir de uma usina diesel (Figura 7), instalada ao lado da prefeitura, próximo ao rio Santa Rosa.

Qualquer ensaio que se queira publicar sobre a Araióses dos anos 50, há de levar em consideração, entre outras fontes de pesquisa, a usina, cuja história esteve, indissolavelmente, associada à vida da comunidade (SANTOS, 2000, p. 51).

Seu funcionamento se dava frequentemente do início da noite até às 21h, entretanto, na hipótese da ocorrência de um fato inusitado, a usina era ligada no período diurno.

Enquanto a usina fornecesse energia havia música no ar. [...] seu funcionamento em horário matutino ou vespertino acontecia em hipótese da ocorrência de um fato absolutamente inusitado, como, só para registrar, as transmissões dos jogos da Copa do Mundo de 1954 (Suíça), a morte de Getúlio Vargas, a posse de JK e, principalmente a

conquista da Copa do Mundo, pela seleção brasileira de futebol em gramados suecos [...]. (SANTOS, 2000, p.32-53).



Figura 7: Velha Usina Elétrica de Araióses. Fonte: Máximo Machado, (1986)

A velha usina, após ficar poucos anos fechada, passou por uma grande reforma, que manteve a sua estrutura original (Figura 8) e abrigou a Biblioteca municipal até 2008, quando passou por uma nova reforma e foi totalmente descaracterizada (Figura 9). Atualmente, o prédio reformado, voltou a abrigar a biblioteca Municipal de Araióses.

Em paralelo ao desenvolvimento lento de Araióses, Pedrinhas, também passou por processos e possui uma história que até a realização desta pesquisa, ainda não havia sido documentada. Para tanto, utilizamos de uma metodologia de pesquisa de caráter exploratório envolvendo uma análise qualitativa dos dados coletados através de entrevistas com os moradores locais. Nesta etapa, buscou-se identificar as pessoas mais idosas da comunidade que possuem o conhecimento oral a respeito de como surgiu a comunidade, nesse momento destaca-se a importância da história oral da comunidade, pois este método visa prioritariamente, dar voz aos detentores do conhecimento oral, a fim de adquirir

dados que possam contribuir no registro histórico dessa comunidade, como se segue.



Figura 8: Biblioteca Municipal de Araióses antes da última reforma (2005).



Figura 9: Biblioteca Municipal de Araióses após a reforma (2014)

Pedrinhas, é uma comunidade pequena, possui cerca 67 famílias e um total de 235 habitantes, conforme senso municipal realizado pela secretaria de saúde (2015), está localizada na zona rural por volta de 30km de distância da sede municipal na MA-312 e próximo da divisa municipal com Água Doce do Maranhão/MA.

Apesar de pequena, Pedrinhas surgiu provavelmente a mais de 150 anos, conforme relato dos moradores mais velhos, mesmo incerta a data em que chegou a primeira moradora no local onde hoje é a comunidade, acredita-se que este acontecimento tenha ocorrido por volta da segunda metade do século XIX. Nesse período, chegou ao local uma senhora chamada Idalina, vinda de regiões próximas, foi morar no local onde hoje é conhecido como Porto Grande, com seu marido e dois filhos, segundo os moradores mais velhos, ela fundou a comunidade.

Com o tempo dona Idalina ficou conhecida como Conselheira, por morar no atual Porto Grande, mas que antigamente era chamado de Porto do Conselheiro, dona Idalina era uma pessoa muito religiosa e morou por muitos anos no Porto Grande em uma casa pequena de barro e taipa. Destemida, sempre andava desacompanhada por toda a região, e por sempre andar sozinha, surgiu uma lenda com relação a sua morte, conforme o relato de alguns dos moradores mais velhos, dona Conselheira foi comida por uma onça em uma de suas caminhadas pela região em plena mata fechada. Nesse período, esse felino era muito comum. Outros relatam que ela se perdeu, pois nessa época havia muita vegetação e a floresta era muito mais densa que nos dias de hoje, mas na verdade Dona Idalina morreu bem velha em sua casa no Porto Grade com mais de 110 anos.

Meu pai me contou essa história, chegou a morar uma velha, a velha que a onça comeu, ela rezava noite e dia, se chegava alguém lá ela começava a rezar 'pade nosso que estais no céu..., tô ocupada aqui mas vou já', essa é a história que meu pai me contou, ela comia rezando tinha uns 40 anos, chamada Conselheira, ela foi a primeira que chegou no Porto Grande, era da curva, ai chegou, o finado Quilarindo e a Severa, a Idalina foi a primeira que veio aqui pra Pedrinhas, mas a velha Conselheira morava lá sozinha no porto Grande, ai ela viajava por dentro da mata desapareceu quinze dias, quando andavam atrás dela acharam só a ossada dela que a onça comeu, ficou só a ossada, comeu do Porto grande pra Curva [...] (SENHOR 13, 75 anos, agricultor/pescador/aposentado, 2014).

Na fala desse morador local, pode-se notar uma divergência em relação aos outros relatos das pessoas mais velhas, nota-se em que Dona Conselheira e Dona Idalina eram pessoas diferentes, mas após algumas pesquisas mais aprofundadas com os moradores, concluiu-se que são a mesma pessoa, e a história de ela ter sido comida por uma onça, era apenas uma lenda. Trago esse relato, pois possui mais informações em relação a outros moradores que chegaram a comunidade após dona Idalina.

[...] aí a velha Idalina depois nesse trecho foi que veio aqui para as Pedrinhas, os fundadores, Idalina, Quilarindo e Severa, primeira veio a Dalina depois a Severa e depois o Quilarindo são três irmãos, Quilarindo era meu avô, e a Idalina e a Severa eram parentes dela da minha esposa, são três irmãos que vieram tudo da Frecheiras e Tamburi. Aqui morava o Quilarino [na casa onde mora o entrevistado] e naquele trecho da Igreja morava a Idalina e a Severa que era avó do Zé Tudo (ex-prefeito de Araiases, já falecido), não sei se eram juntos ou era perto, só sei que a velha me pegou nos cajueiros, me empurraram pro rumo dela e ela me pegou, porque ela sovinava os cajus, lá do porto grande, aí ela disse 'de quem tu é fi, menino severgõe' aí eu disse, sou fi dá Lúcia, aí ela disse 'é tua valência se não tu apanhava severgõe' aí me soltou e eu sai correndo pra onde tava os meninos com medo da velha, essa era a Idalina que tinha os dedos tudo incricriado, aleijado, eu era menino bem pequeno, aí corri chorando (SENHOR 13, 75 anos, agricultor/pescador/aposentado, 2014).

Já nos relatos seguintes, nota-se que Dona Idalina e Dona Conselheira são sim a mesma pessoa.

Pedrinhas surgiu na maior dificuldade, então foi através de alguns prefeitos por aí, trazendo um pedacinho, e outros fazendo outro pedacinho para ali, e hoje tamo aqui. Mas os primeiros moradores foi a mulher chamada Idalina, foi quem formou aqui as Pedrinhas, não tinha outra pessoa, só ela mesmo que chegou aqui nesse lugar a muitos anos, eu já estou com 80 anos e foi muito antes disso mais ainda alcancei ela trabalhando, a velha morreu com cento e quinze anos, foi quem fundou aqui esse nosso lugar, ela que era a mãe de tudo. O nome Pedrinhas foi ela que escolheu, mais não sei porque. (SENHOR 8, 80 anos, Agricultor/aposentado, 2014)

Quem fez as Pedrinha foi uma bisavó minha a finada Idalina, ela morava lá no porto grande, lá onde tem essas pedras mesmo, então de lá, não tinha água, nem aqui e ela ia buscar água lá no finado Lourisval, num tanque que tinha lá, hoje está entupido e quando ela vinha de lá pelo caminho, quando ela voltava o rastro dela estava coberto por rastro de onça, nesse tempo aqui era só mato, num tinha casa não, aí ela foi indo e indo e amaçou as Pedrinha, as Pedrinhas foi fundada por ela. Hoje não se encontra mais onça aqui não, mas o Padrinho Sergio já encontrou onça aqui, aí com o tempo elas se retiraram, o pessoal atraiu ela com o tiro aí espanta e começou a chegar mais gente e elas vão embora, então são mortas como caça. Até certo

tempo tinha onça suarana por aqui. (SENHORA 9, 65 anos, Dona de casa/agricultora, 2014)

Segundo os moradores mais velhos, antigamente havia muita onça pelo local onde hoje é a comunidade, além de todo seu entorno, e, como não haviam estradas, poucas casas e uma vasta mata virgem em processo de povoamento a onça tornou-se alvo de caça. Atualmente, não se encontra mais tal felino na região, mas continua presente no imaginário local e faz parte de muitas lendas e histórias que compõem a cultura local. Sobre a chegada dos primeiros moradores à comunidade, um morador local conta que:

Um dos primeiros moradores que veio aqui pra Pedrinhas foi a dona Idalina, então dona Idalina foi a primeira pessoa que conseguiu amansar aqui as Pedrinhas, quando ela veio para cá só tinha onça. Então a família dela prosperou aqui e foi crescendo e ainda hoje as Pedrinhas se torna a ser, só uma família (SENHOR, 68 anos, Pescador/aposentado, 2014).

Segundo dados da pesquisa, as famílias mais tradicionais da comunidade são Pereira dos Santos, Pereira Rocha e Andrade do Nascimento, com algumas buscas em documentos antigos de alguns moradores, encontrei um documento de Joana Pereira da Rocha, filha de dona Idalina, logo, podemos concluir que o sobrenome de dona Idalina era Pereira, dessa forma, Idalina Pereira foi a fundadora da comunidade e morreu com pouco mais de 110 anos por volta da década de 1930 ou 1940, conforme dados da pesquisa.

Com o estudo realizado na comunidade, notou-se também, que há uma divergência quanto à origem do nome da comunidade, de todo modo, a versão mais provável é que tenha surgido pela presença de uma grande faixa de pedras que se mostra com a maré baixa no Porto Grande, esse também foi o primeiro nome da comunidade, pois era onde morava dona Conselheira, citada acima. Quando as embarcações chegavam, sinalizavam o desembarque no porto de pedrinhas, por haver a presença desse pedregulho no local, com o tempo, os moradores acabaram incorporando esse nome à comunidade. Outros relataram que quem deu o nome à comunidade foi a própria dona Idalina.

Com o passar dos anos as famílias foram crescendo e houve a formação de novo núcleos, geralmente com membros da própria comunidade ou membros

externos, que passaram a compor a comunidade. Em relação à divisão fundiária a comunidade está inserida em uma área federal [APA Delta do Parnaíba], logo, as terras são de domínio público, porém para a comunidade isso não faz diferença, pois não há histórico de conflitos e, conforme os moradores locais, qualquer morador da comunidade pode cercar um pedaço de terra para morar ou plantar, por esse motivo, as roças sempre mudam de lugar, a cada plantação há a preparação de outros espaços de terra para que o utilizado anteriormente 'descanse'. Até mesmo porque a agricultura desenvolvida na comunidade vem desde a época dos indígenas que viviam no Delta, tornando esta atividade mais tradicional da região. Até a década de 1970, também era muito comum a venda de casca de mangue, que era utilizada no processo de curtição do couro.

Em todo esse tempo que a comunidade se estabeleceu muita coisa mudou na vida dos moradores, levando a comunidade ao estado atual. Atualmente, a comunidade possui uma escola mantida pelo governo do município, que começou a funcionar somente no final de 2012 e mesmo assim com muitas deficiências. A escola funciona nos períodos diurno e noturno, sendo que durante o dia o ensino é voltado às crianças e jovens e, durante a noite, voltado prioritariamente aos jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos no tempo certo e/ou que trabalham, seja com a *cata* do caranguejo ou com o plantio de roças durante o dia. Porém, a escola só possui turmas do 1º ao 8º ano do ensino fundamental e ensino infantil. Após a conclusão dessa série escolar, o estudante deve continuar seus estudos na comunidade vizinha, Barreirinhas, para concluir o ensino fundamental.

Barreirinhas possui cerca de 1.260 moradores e o único posto de saúde da localidade para atender às comunidades de Pedrinhas, Barreirinhas e Bolacha (outra comunidade próxima à Pedrinhas). Essa deficiência gera muitos transtornos e contratempos aos estudantes, visto que devem se deslocar diariamente para outra localidade para estudar, isso acaba gerando outro problema, o transporte, pois apesar de a prefeitura de Araióses disponibilizar um transporte para esses estudantes diariamente, o mesmo é precário, sem o mínimo de segurança e conforto, além de não funcionar todos os dias pelas péssimas condições da estrada vicinal local, MA-312.

Ao fim do ensino fundamental na comunidade de Barreirinhas, os jovens que possuem o interesse na conclusão do ensino médio devem se deslocar diariamente nas mesmas condições descritas acima para outra comunidade, Carnaubeiras, que é a maior e com mais estrutura da região. Sendo que em toda a unidade, segundo dados do Levantamentos das Famílias (ICMBio, 2014) em 31,4% dos casos não há transporte escolar. Dadas as dificuldades, as necessidades familiares e pessoais, muitos jovens desistem e preferem seguir a atividade econômica desenvolvida pela família para ajudar no sustendo, nesse contexto, 29,1% das crianças e jovens da unidade não desejam frequentar a escola (ICMBio, 2014). Em Pedrinhas o transporte escolar disponibilizado pela prefeitura nem sempre funciona, o que acaba gerando desânimo nos jovens, acarretando um grande número de desistências no decorrer do ano letivo.

Outro grande problema que a comunidade enfrenta é na área da saúde, pois mesmo tendo uma agente de saúde para atender a comunidade, a mesma não possui um posto de atendimento médico. O posto mais próximo fica localizado na comunidade vizinha, Barreirinhas, isso gera grandes transtornos aos moradores quando necessitam de atendimento (principalmente aos mais idosos), pois o posto atende não somente Pedrinhas e Barreirinhas, mas também Bolacha, isso sem falar na precariedade do atendimento, pois frequentemente faltam médicos e medicamentos. Nesses casos, os moradores devem se dirigir a sede do município, que mesmo possuindo dois hospitais de médio porte, não é capaz de atender a sua demanda provinda de todo o município, sendo necessário na maioria das vezes que os moradores de Araióses se dirigiram à Parnaíba/PI para que possam ter atendimento médico adequado. Essa dependência do estado vizinho em relação à saúde também gera muitos transtornos, pois os hospitais de Parnaíba acabam ficando muito locados e sem possibilidades de atender toda a demanda, tendo frequentemente que negar a entradas de pacientes de outros estados. Segundo dados do Levantamento das Famílias (ICMBio, 2014) 31,3% dos moradores da unidade não recebem visitas frequentes de agentes de saúde e 15% só conseguem atendimento médico no estado vizinho.

Mesmos com todos esses problemas, algo que sem dúvidas mudou o cotidiano de Pedrinhas foi a implantação da energia elétrica, que cobre cerca de

96,86% dos domicílios da unidade (ICMBio, 2014). Mesmo sendo recente, proporcionou muitas mudanças no modo de vida e na relação com o alimento extraído do manguezal. Em Pedrinhas, foi no ano de 1998, por intermédio de um vereador local, que a comunidade pôde ter acesso à rede de distribuição. Entretanto, nesse período, a luz não chegou em toda à comunidade, tendo seu ponto final na Igreja de Santo Antônio das Pedrinhas. Somente após alguns anos, no início dos anos 2000, por esforços dos próprios moradores, a rede elétrica cobriu toda a comunidade, todavia, ainda houve os que relutaram com a chegada da rede elétrica por acreditarem que não seria necessária.

De toda forma, pode-se afirmar que a chegada da energia elétrica trouxe muitos benefícios aos moradores, um deles que pode ser destacado é a possibilidade de armazenagem dos alimentos em equipamentos refrigerados, essa técnica preserva o alimento em bom estado para o consumo mesmo depois de grandes períodos armazenados; antes, sem a eletricidade, os alimentos eram consumidos muito rapidamente frescos ou secos e salgados nos dias seguintes, para que não estragassem, mas ainda assim a perda era inevitável, como relata um morador local.

Antes de chegar energia, era dificuldade grande, porque todo mundo usava sua lamparina, quando não tinha lamparina usava uma vela, aí quando chegou energia todo mundo ficou satisfeito, pela aquela energia que o governo trouxe para cá. Ai, quando chegou energia teve deles que até suas lamparinas¹⁰ jogaram fora, porque achavam que não iam precisar mais, aí quando a energia faltava, andavam atrás das próprias lamparinas para alumiar. (SENHOR 11, 70 anos, Agricultor/pescador/aposentado, 2014)

De fato, a chegada da energia elétrica mudou muito o modo de vida da comunidade, até mesmo a relação com o alimento e a vida noturna. Pois antes da energia, a maioria das pessoas dormiam cedo por não haver muito o que fazer no escuro, também haviam várias lendas que assustavam aos que se atreviam a permanecer acordados, como segue abaixo na voz de um morador local.

¹⁰ Artefato para ter uma pequena luz nos quartos de dormir. 2 - Disco, com pavio, para acender na lamparina.; 3 - Luminária. (AURÉLIO, Dicionário, 2016)

O modo de vida antigamente era viver mesmo no escuro, as pessoas cedo dormiam porque não tinha para onde sair, tinha até medo de ficar acordado até tarde com suas portas abertas. O modo de sobrevivência um peixe, uma carne, essas coisas você só comia fresco do mesmo dia, mais a partir do segundo dia era seco, era salgado, porque ninguém tinha como preservar aquela alimentação e a maneira era essa (SENHORA 12, 46 anos, Agricultora/dona de casa, 2014).

A mudança também veio quando foi construída uma estrada de barro em 2002, já havia uma 'estrada' de areia, mas dificultava muito o transporte local, pois somente carro tracionado podia chegar a comunidade, deixando-a com o acesso complicado, quando passava um carro pela comunidade todos iam para suas portas olhar, principalmente quando era um carro diferente do que fazia o transporte para Araióses na época, às vezes, esse era o momento de mais interação que a comunidade possuía durante todo o dia. Esse era também único momento em que a comunidade se mostrava ativa e curiosa na beira da estrada, quando o carro tracionado, que ligava a comunidade à Araióses chegava à comunidade.

A estrada de barro proporcionou maior mobilidade e acesso a mercadorias que até então eram difíceis de chegar ao local. Entretanto, a estrada não veio para melhorar a vida dos moradores, claro que isso foi uma consequência, mas a finalidade principal foi dar escoamento da produção de uma fazenda de camarão de um empresário português que se implantava na época na comunidade de Barreirinhas, tanto que a estrada foi construída primeiramente somente até a comunidade de Barreirinhas, tendo seu fim na entrada da fazenda, que até hoje está em pleno funcionamento, mesmo tendo passados por vários donos em todo esse período. Na época, a estrada foi construída com capital do empresário português em uma parceria com a prefeitura municipal no ano de 2002.

Em Pedrinhas, a estrada chegou somente no ano de 2008, quando a gestão municipal autorizou uma restauração e complementação do barro até o final da comunidade, restando um pequeno trecho não incluído até a comunidade de Coqueiro no município de Água Doce do Maranhão/MA. Foi somente em abril de 2014, seis anos depois, a prefeitura de Água Doce do Maranhão/MA, por meio do governo do Estado, completou a estrada ligando a comunidade Coqueiro à

Pedrinhas, proporcionando acesso direto até Carnaubeiras sem a necessidade de carro tracionado.

Antes, o acesso à comunidade era muito difícil e só poderia ocorrer de duas formas: carro tracionado ou por via fluvial. A chegada da estrada de barro, além da mobilidade, proporcionou uma grande mudança no padrão de vida local. Outrora, a grande maioria das casas eram feitas de taipa e barro, material que a comunidade disponha para construção de suas moradias e também pela dificuldade de transporte de materiais de construção até a comunidade. Hoje, quase todas as casas são construídas em alvenaria, como pode ser observado no relato abaixo.

Agora da Carnaubeiras até o Coqueiro é tudo casa boa, tudo é tijolo, se tiver alguma de taipa, é alguma, mas a pessoa já está ajeitando para fazer. Aqui foi lugar de gente pobre, mas sabe o que era a pobreza daqui? Estrada, não tinha. Aí tinha que viver do que tem aqui, hoje você compra uma carrada de coisa e o dono da venda faz questão de vim deixar [...]. Então o jeito era fazer de barro e pau de tucunseiro ou ia buscar e trazia de canoa ou lancha e pagava muito caro (SENHOR 13, 75 anos, Agricultor/aposentado 2014).

Não diferente de muitas comunidades pelo Brasil, Pedrinhas também possui sérios problemas em relação ao saneamento e abastecimento de água, pois há uma grande deficiência. A rede de distribuição de água não cobre todas as casas, beneficiando apenas poucas casas nas proximidades da caixa d'água que funciona somente no período matutino levando água encanada. A água é coletada por meio de uma bomba conectada em um poço artesiano comunitário instalado pela Prefeitura Municipal de Araióses. Em toda a unidade somente 45,4% dos usuários não possuem água canalizada em algum cômodo do domicílio, sendo que 30% dos usuários pagam pelo bombeamento da água. Em Pedrinhas não é cobrado o abastecimento nem mesmo há como quantificar seu acesso, visto que o mesmo se dá de variadas formas.

Próximo à caixa d'água, também há um outro poço, construído em 1977, pela gestão municipal da época que servia como principal fonte de água (não encanada) potável da comunidade. A maioria das casas tinham somente cacimbas¹¹ que, apesar de proporcionar água, não poderia ser considerada

¹¹Buraco que se cava até encontrar água. (AURÉLIO, Dicionário, 2017).

como uma fonte segura. O poço, atualmente, não é mais utilizado e encontra-se abandonado e com lixo em seu interior.



Figura 10: Croqui do Território Atual da Comunidade Pedrinhas.

Em relação as atividades econômicas, Pedrinhas por estar localizada próxima ao mar, desde sua origem, desenvolveu atividades pesqueiras, sempre sendo complementadas pela agricultura. A pesca artesanal foi por muito tempo a principal fonte de renda indireta e direta da comunidade. Até, por volta da década de 1970, Pedrinhas tinha como principal fonte de renda, a pesca e a agricultura, atividades realizadas pelas famílias para garantir o alimento diário. Segundo uma moradora local, na década de 1960, houve uma grande seca em toda a região, este fato prejudicou muito a agricultura, pois até hoje, não há projetos de irrigação nas roças e o plantio dos insumos, são totalmente dependentes do fator climático. Entretanto, nesse período houve o destaque

Herança indígena, a cacimba é um buraco no chão feito pelos moradores da comunidade geralmente em locais de fontes. Dependendo do local onde era feito não era necessário ser profundo, bastava que em seu interior brotasse água doce (definição local).

para a venda da casca de mangue, que era utilizada no processo de curtição do couro, a casca de mangue, consiste na camada de madeira que protege o tronco do mangue, nesse período, sua comercialização foi muito grande e apesar de serem gerados impactos negativos à natureza, na época foi capaz de suprir a necessidade alimentar de muitas famílias no período da seca.

Em reação à *cata* do caranguejo, tal atividade sempre foi muito presente na região, pois a mesma dispunha de uma gigantesca área de manguezal, habitat natural desse e muitos outros crustáceos marinhos. Entretanto, até a década de 1970, a atividade de *cata* era realizada prioritariamente para o consumo familiar, ou seja, ainda não haviam grandes demandas do mercado naquela época. Por esse motivo, o caranguejo era desprezado economicamente na região. Mesmo havendo poucos catadores, o caranguejo era comercializada por preços irrisórios. Não por esse motivo a comunidade não possuía recursos econômicos, pois a agricultura, herança indígena, sempre esteve presente e ainda permanece nos dias de hoje, a pesca também, sempre foi um elemento primordial para sobrevivência das famílias da comunidade. O que mais fosse necessário, podia ser obtido com a venda da casca do mangue que até a década de 1970 era muito comum sua comercialização.

Mas, a partir de meados da década de 1970 começou a surgir, cada vez mais compradores e o mercado comercial de caranguejo começou a despertar economicamente na região do Delta do Rio Parnaíba. Este fato, provocou muitas mudanças tanto culturais, como sociais na comunidade, e até mesmo identitárias, pois, uma comunidade que era agrícola e pesqueira desde sua origem, passa por um processo de construção de novas identidades, sendo considerada desde então, não somente comunidade de agricultores e pescadores, mas também, uma comunidade de *catadores* de caranguejo.

Atualmente, a *cata* do caranguejo é considerada pelos próprios moradores como a principal fonte de renda local e atualmente em pesquisa realizada pelo ICMBio (2014), o Delta do Rio Parnaíba é considerada a principal região de *cata* e exportação deste crustáceo.

Os órgãos gestores, como o ICMBio, tem um papel fundamental nesse processo, pois desde sua criação em 2007 (fruto do desmembramento de um

setor do IBAMA), tem realizado atividades de pesquisa nas unidades de proteção ambiental. Seu papel tem se tornado crucial na criação de leis e sensibilização dos moradores das UC's (Unidades de Conservação). Conforme dados coletados durante a pesquisa de campo, pode-se perceber que mesmo com a *cata* do caranguejo, as atividades agrícolas ainda persistem, sendo de vital importância, pois geram grande parte da renda local e, mesmo de forma indireta, é capaz de suprir e complementar a renda que o caranguejo gera.

Dadas as características apresentadas, observa-se que a comunidade de Pedrinhas passou por muitas mudanças em termos de sua infraestrutura local, social e econômica desde seu surgimento e em especial ao período onde a *cata* do caranguejo começou a ser explorada economicamente (1970-2015). Também, há que se levar em conta a chegada da energia elétrica e da estrada de barro, que proporcionaram grandes mudanças no modo de vida local, todavia, ainda há muito a ser trilhado, como o projeto de pavimentação asfáltica que será implantado nos próximos anos na região.

1.4 A DESCOBERTA DA MA-312 E O PROJETO TURÍSTICO ROTA DAS EMOÇÕES

A MA-312 é uma rodovia vicinal que tem por objetivo ligar a sede municipal de Araióses ao município de Água Doce do Maranhão, passando por Carnaubeiras¹², Bolacha, Barreirinhas e Pedrinhas. Passa ainda pela comunidade de Coqueiro até chegar na sede municipal de Água Doce, a rodovia é conhecida como 'Estrada do Caranguejo'. Após sua chegada na sede municipal Água Doce do Maranhão, a rodovia segue seu curso com pavimentação asfáltica, inaugurada em 2013, até a comunidade de Barro Duro (Município de Tutóia) onde tem conexão com a MA-034, a pavimentação melhorou bastante o acesso a Água Doce e inúmeras comunidades ao seu entorno. Atualmente, no trecho que passa por Pedrinhas, a estrada é composta por barro, pedra e terra batida, variando por trechos conforme figuras 11 e 12.

¹² Base de distribuição do caranguejo-uçá.

Atualmente, existe um processo de licenciamento ambiental, nº 215617/2014 da Secretaria de Estado da Infraestrutura- Sinfra, do Estado do Maranhão, cujo objetivo é melhorar com pavimentação asfáltica a ligação de Araiões à Carnaubeiras, Bolacha, Barreirinhas e Pedrinhas, com extensão de 38,60km. Entretanto, tal obra ainda não começou a ser executada. Em nota, o Sinfra enviou o seguinte comunicado ao ICMBio:

Cumpre-nos evidenciar que a atividade de melhoramento e pavimentação da rodovia MA-312, Araiões (Povoado Montevidei) acesso ao Povoado Carnaubeiras, Bolacha, Barreirinhas e Pedrinhas, com extensão de 38,60 Km não está sujeita ao estatuto de Impacto Ambiental, visto que não se enquadra no rol de atividades previstas na Resolução CONAMA nº01/1986. (SEMA, 2015)



Figura 11: Estrada de barro na comunidade de Pedrinhas, MA-312. Acervo Pessoal (2016)



Figura 12: MA- 312 Entre a Comunidade Coqueiro e Água Doce do Maranhão. Acervo Pessoal (2016)

O órgão parte do pressuposto de que não será aberta uma nova rodovia dentro da unidade de conservação citada e, sim, um melhoramento da pavimentação vicinal local, a fim de proporcionar maior escoamento do caranguejo que é coletado na região, visto que Carnaubeira é o principal polo de distribuição e venda desse crustáceo, além, é claro, de interligar Araióses à Água Doce do Maranhão por meio da Rota das Emoções, a rodovia também é conhecida como translitorânea e tem o papel, além do citado acima, de facilitar a visitação turística no Delta do Parnaíba no Estado do Maranhão.

A Rota das Emoções é um projeto do Ministério do Turismo em Parceria com os Governos estaduais do Maranhão, Piauí e Ceará; que visa a criação de uma rota turista integrando os três estados: a Rota das Emoções. Entretanto, o projeto apesar de inovador na Região Nordeste, apresenta muitos problemas estruturais para que seja implementado efetivamente, como segue informações abaixo no Diagnóstico Estratégico Situacional:

A situação atual da Rota das Emoções que tem sido caracterizada no Diagnóstico Estratégico Situacional (produto II) apresenta diversas carências e deficiências, algumas das quais são estruturais (ou estratégicas) e outras são operacionais (ou situacionais), o que representa obstáculos de graus variados pelo seu desempenho competitivo atual e futuro. Na realidade, praticamente todas as carências e deficiências operacionais identificadas no Diagnóstico estão condicionadas por um fator estrutural determinante: a complexidade do território de abrangência da Rota das Emoções. (PRODETUR, p. 9, 2014)

Complexa, sim, pois além da grandiosidade da área que abrange três estados brasileiros, a Rota das Emoções pretende integrar três grades destinos turísticos do Nordeste: Os Lençóis Maranhenses, no Maranhão; Delta do Parnaíba, no Maranhão e Piauí; e Jericoacoara, no Ceará. Conforme o Projeto Rota das Emoções (PRODETUR, 2014, p. 9):

A Rota das Emoções cobre um território de uma extensão de mais de 600 km entre as cidades de Barreirinhas e Jericoacoara (os dois extremos da Rota em sentido estrito) e de quase 1200 km entre São Luís e Fortaleza (a Rota em sentido largo), envolvendo 3 Estados, 14 municípios, os Órgãos de gestão de 3 Unidades de Conservação, além de uma grande diversidade de instituições, associações e agentes privados.

Com a implementação da rota, o turismo da região pode ganhar um novo impulso no seu desenvolvimento, entretanto há que se levar em conta os impactos gerados, sendo eles, positivos e/ou negativos. Pois, existem inúmeras comunidades que vivem nessas regiões e não podem ser prejudicadas em detrimento do turismo.

O turismo de fato é importante, pode proporcionar muitos benefícios, mas também traz muitos malefícios, em especial em pequenas comunidades que vivem o deslumbre que a chegada de turistas pode proporcionar. A rota das emoções apesar de ser um projeto inovador na região, não pode se ater somente aos grandes empresários, pois muitas famílias de agricultores, pescadores, *catadores*, marisqueiras serão afetadas. O projeto ainda aponta algumas das principais 'vantagens' para a região com a implementação da Rota das Emoções:

- Grande riqueza e variedade de atrativos turísticos naturais e culturais, entre os quais se destacam como os seus maiores expoentes os

Parques Nacionais dos Lençóis Maranhenses, do Delta do Parnaíba e de Jericoacoara.

- A força que representa a união de três estados e, mais concretamente, de 14 municípios.
- As potencialidades e as sinergias que poderão ser desenvolvidas através da cooperação entre os diversos agentes envolvidos.
- A diversidade de oportunidades e de possibilidades para o desenvolvimento turístico que oferece um território tão extenso. (PRODETUR, p. 9, 2014)

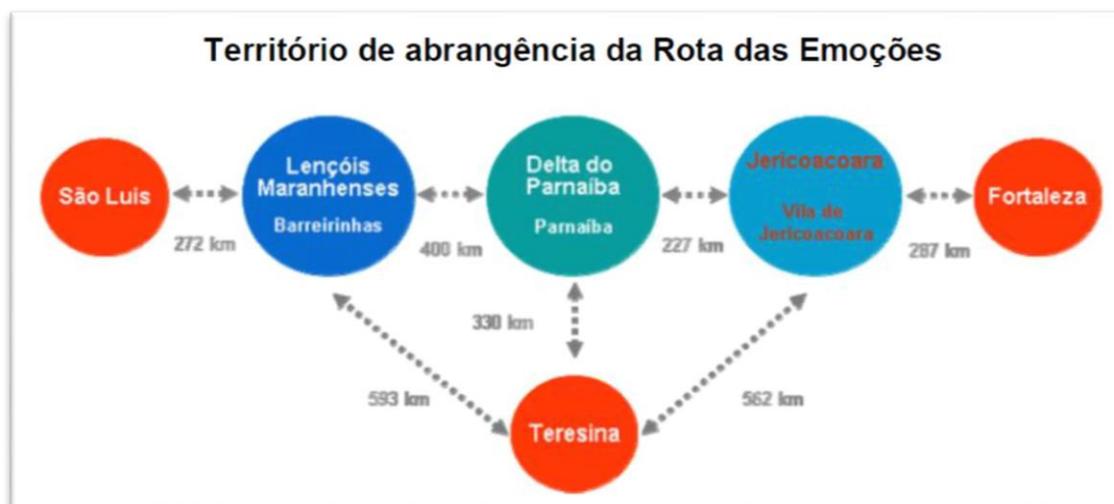


Figura 13: Território de Abrangência da Rotas das Emoções. Fonte: Rota das Emoções.

Como pode ser notado, não são citadas em momento algum as vantagens que as comunidades locais terão com a implantação da rota, visto que elas serão as mais afetadas nesse processo, em sua grande maioria estão instaladas e vivem tradicionalmente nesses locais há muitos anos, a exemplo de Pedrinhas. Por este motivo é fundamental que estas comunidades sejam ouvidas e participem ativamente das discussões acerca da implementação da rota em todos os âmbitos.

A respeito disso, há também que se considerar, nesta mesma perspectiva de formação da Rota das Emoções, o preconceito relacionado ao local de origem (favelas, comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas), que é inerente a essas comunidades do delta e, pode surgir por essas comunidades camponesas e ribeirinhas serem consideradas subalternas e de pouco valor social/econômico.

Ao ser analisado o termo preconceito, que pode surgir de várias formas, é possível obter uma compreensão mais clara do seu significado. Desse modo, Albuquerque Júnior (2007, p.10-11) o define como:

Um conceito prévio, um conceito sobre algo ou alguém que se estabelece antes que qualquer relação de conhecimento ou de análise se estabeleça. É um conceito apressado, uma opinião, uma descrição, uma explicação, uma caracterização, que vem antes de qualquer esforço verdadeiro no sentido de se entender o outro, o diferente, o estrangeiro, o estranho, em sua diferença e alteridade.

Muitas vezes por não conhecer o local ou por possuir estereótipos construídos ao longo da vida acerca do local visitado, o turista pode desenvolver certos preconceitos que podem gerar conflitos nos locais visitados. Um bom exemplo é o preconceito existente, por conta dos estereótipos, entre os brasileiros da região sudeste em relação aos nordestinos. Albuquerque Júnior (2007), acredita que o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada dos grupos externos, caracterizando o todo em poucos conceitos considerados essenciais, pois:

O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. Uma fala reducionista e reducionista, em relação às diferenças e multiplicidades no outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade (IBIDEM, 2007, p.13).

Desse modo, entende-se por preconceito quanto ao local de origem, o simples fato deste pertencer e/ou compartilhar um determinado território, espaço, lugar, estado ou região de uma nação. Quase sempre como sendo o mais poderoso contra o mais fraco, menos afortunado em relação à nação dita como soberana. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007)

Para que a atividade turística ocorra sem conflitos relacionados aos preconceitos é necessário que haja tolerância mútua e que a comunidade esteja receptiva mesmo perante a possíveis conflitos. Por esse motivo, a comunidade deve se ater ao segmento de turismo que se enquadra melhor, de modo a gerar o mínimo de problemas possíveis, potencializando os benefícios gerados.

Sabe-se que o turismo de massa tem sido prejudicial a muitos ecossistemas, enquanto o turismo ecológico pretende amenizar o impacto deixado pelo mesmo. Nesse sentido, o ecoturismo, se bem planejado, pode levar às comunidades pequenas um turismo sustentável e que pode vir a ser uma alternativa de renda para os moradores locais. Nesse contexto, Krippendorf

(2001, p.69) ressalta que a “[...] voz da população local continua praticamente inaudível. Mesmo nas regiões fortemente desenvolvidas com tradição turística, é muito raro que a população local possa exprimir claramente sua opinião.” Isso ocorre pela desunião dos moradores em lutar pelo melhor para a comunidade e também pelo pouco espaço e oportunidades dadas a mesma em participar do planejamento turístico local.

Partindo desse pressuposto McKercher (2002) afirma que “As comunidades locais correm o sério risco de se tornarem o foco dos efeitos adversos do turismo, mesmo quando ganham algum benefício”. Essa afirmação sugere que as comunidades locais, mesmo sendo beneficiadas com o turismo, podem sofrer sérios danos se não houver organização e trabalho mútuo. Concordo com o autor, que ainda afirma que uma das grandes reclamações contra o turismo exercido nesses locais é a imposição da atividade sem a prévia consulta aos moradores locais, isso ocorre no Delta do Parnaíba, pois as empresas de turismo locais, exploram a região cada vez mais, com passeios de barco e até mesmo adentrando nas ilhas de domínio comunitário, sem nem mesmo incentivar a economia local.

Por esse motivo é de suma importância que a comunidade queira desenvolver a atividade para que, posteriormente, possa se trabalhar o turismo em prol do desenvolvimento econômico local e comunitário, pois mesmo com a participação ou não dos moradores locais, o turismo já é uma realidade no Delta do Parnaíba. Existem projetos de Turismo Comunitário na região pela Universidade Federal do Piauí, que atuam nas comunidades, além de diversos outros em diferentes áreas de conhecimento, entretanto ainda não há nada concreto, mas já tem muita coisa feita em relação ao turismo da região, principalmente com a atuação do ICMBio.

2 CULTURA, IDENTIDADE E O MODO DE VIDA EM COMUNIDADE

A memória é um dos elementos principais que formam a identidade e cultura de um povo, a história oral, que é o elemento vivo da memória, é fundamental em comunidades em que não há registros históricos. Segundo Thompson (1978, p. 208) “recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade [...]”. Sem dúvida, pois o que nós somos faz parte de um processo que começou após o nascimento, nos primeiros contatos com o meio exterior, recordar o passado nos remete a lembranças que fizeram parte da formação do nosso caráter. O mesmo ocorre com a memória de um povo, expressa pela memória coletiva.

Nenhuma sociedade come, dança ou caminha de uma maneira que lhe é própria, pois apenas os indivíduos, membros de uma sociedade, adotam maneiras de comer, dançar ou caminhar que, ao se tornarem dominantes, majoritárias ou unânimes, serão consideradas como características da sociedade em questão. Por consequência, em nível de grupos, apenas a eventual posse de uma memória evocativa ou da metamemória¹³ pode ser pretendida. É essa eventualidade que aparece subjacente na expressão ‘memória coletiva’. (CANDAUI, s/a p. 24)

A Memória Coletiva basicamente é a memória de um grupo, uma memória compartilhada que passa por todos os indivíduos e tem o papel de manter viva tradições e elementos culturais que uma comunidade desenvolve ou desenvolveu ao longo de sua história de vida, mesmo que de forma inconsciente. A história oral, tem o papel de resgatar essas memórias que com o passar das gerações podem ser resignificadas ou até mesmo perdidas e/ou esquecidas no tempo.

Nessa pesquisa, foi utilizado também como método a história oral, através de entrevistas semiestruturadas com idosos da comunidade acima de 60 anos, exatamente com o objetivo de resgatar memórias da comunidade Pedrinhas, a fim de que as mesmas fossem registradas e apresentadas aqui

¹³ A metamemória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, [...] a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva. (CANDAUI, s/a p. 24)

nesta pesquisa. Esse registro é muito importante, pois exerce o papel de postergar a história de um povo em um registro histórico e social para a comunidade. Esses elementos da memória coletiva e memória individual, tem um papel fundamental na formação das identidades e também manutenção das culturas.

O ser humano, como um ser cultural que vive em sociedade, partilha de inúmeras culturas espalhadas por todo o mundo, pois em cada sociedade e/ou grupo ou até mesmo aglomerados urbanos ou rurais, pode ser observado uma infinidade diversa de elementos culturais que compõem o grupo social. Entretanto, a cultura independe do fator genético, ou seja, o homem não nasce com a cultura, pois nada é essencialmente natural do homem, até mesmo as funções mais características da vida humana, tudo é um aprendizado adquirido através do convívio social.

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta 'racial' está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas (CUCHE, 1999, p. 9).

Todos os elementos da vida humana, como necessidades fisiológicas, fome, sono, desejo sexual, idioma, segundo Cuche (1999), são repassados através das gerações por meio da cultura. Entretanto, as sociedades não dão exatamente as mesmas respostas a essas necessidades, pois cada sociedade possui uma cultura distinta e até mesmo uma infinidade de variações culturais em uma mesma sociedade. O autor ainda complementa da seguinte forma:

A noção de cultura, compreendida em seu sentido vasto, que remete aos modos de vida e de pensamento, é hoje bastante aceita, apesar da existência de certas ambiguidades. Esta aceitação nem sempre existiu. Desde seu aparecimento no século XVIII, a ideia moderna de cultura suscitou constantemente debates acirrados [...]. (CUCHE, 1999, p. 11)

Durante a pesquisa com os moradores da comunidade Pedrinhas, pôde-se perceber a versatilidade que os próprios moradores possuem acerca do termo

'cultura'. Enquanto em um momento o utilizam para se referir às tradições culturais locais, em outros o referem a modos de preparo e cultivo, assim como fala Marcarian (1980), e, também como pode ser observado durante as entrevistas realizadas com os moradores de Pedrinhas.

Nessa etapa da pesquisa foram coletadas entrevistas através do método etnometodológico de diferentes faixas etárias. O objetivo foi perceber como as diferentes gerações que compõem a comunidade compreendem sobre a sua cultura.

Sobre a cultura, observou-se sua relação com a natureza que os moradores da comunidade possuem, onde Clastres (1979), fala que apesar de uma não depender da outra, há sim, uma relação. Neste sentido, a cultura apreende o poder através da relação do homem com a natureza, o autor ainda complementa que:

A cultura é a negação de uma e da outra, não no sentido em que poder e natureza seriam dois perigos diferentes, cuja identidade não seria senão aquela – negativa – de uma relação idêntica ao terceiro mundo, mas justamente no sentido em que a cultura apreende o poder como a própria ressurgência da natureza (CLASTRES, 1979, p. 42).

Isso pode ser observado em culturas onde o homem vive essa relação com a natureza, de modo a depender dela para sua sobrevivência e de sua família, como é o caso de Pedrinhas, em que seus moradores tiram do manguê e do plantio da terra, seu meio de vida, vivendo um campesinato de terra e água em constante equilíbrio com a natureza, de onde extraem o sustento.

Conforme Romero e Cunha (*in* Queiroz, 1973) o campesinato é um termo de utilização por várias áreas do conhecimento, usado geralmente para denominar sítiantes que vivem no campo. O termo ainda é considerado de origem recente na língua portuguesa e vem sendo empregado mais comumente nas áreas de Ciências Sociais e Antropológicas para identificar o conjunto de camponeses que vivem da terra, ou mesmo da terra e água, como é o caso de Pedrinhas. O aparecimento do termo, também está muito ligado ao desenvolvimento de estudos sobre esses indivíduos, lembrando que, o camponês é aquele que, mesmo não possuindo a terra, usufrui, o que o afasta

da mão-de-obra assalariada, ou seja, uma característica principal do camponês é que o mesmo não possui salário e depende inteiramente da natureza para sobreviver e vive em total equilíbrio com ela.

O camponês é um trabalhador cujo produto se destina primordialmente ao sustento da própria família, podendo vender ou não o excedente da colheita, deduzida a parte do aluguel da terra quando não for o proprietário; devido ao destino da produção, é ele sempre policultor. O caráter essencial da definição de camponês é, pois, o destino dado ao produto, pois este governa todos os outros elementos com ele correlatos. Assim, dificilmente cultivará grandes extensões de terra; por outro lado, não sendo a colheita destinada à obtenção de lucro, não deve ela ultrapassar certo nível de gastos a fim de não onerar a disponibilidade econômica familiar – de onde se empregam preferencialmente sistema de cultivo e instrumentos rudimentares, e se utilizar de mão-de-obra familiar. (ROMERO; CUNHA, *apud* QUEIROZ, p. 29-30, 1973)

Já para Cardel (2014, p. 626), o campesinato é:

[...] O modo de vida de um grupo social de base familiar, que se utiliza de mão de obra familiar para garantir a reprodução da unidade doméstica, comumente ligada a atividades agrícolas. Da mesma forma, o termo camponês foi primeiramente relacionado ao labor com a terra, e só posteriormente ganhou amplitude maior – ribeirinhos, beraderos, agricultores familiares. É vinculada a uma definição mais ampla e heterogênea que nos propomos a estudar o modo de vida de um grupo social camponês que apresenta várias particularidades, e não apenas o trabalho com a terra.

Esse trabalho heterogêneo pode ser observado em Pedrinhas que desenvolve um campesinato de terra e água, assim descrito, pois caracteriza-se por haver uma correlação econômica de trabalho na comunidade com as duas atividades e outras subatividades relacionadas. Ou seja, o camponês que vive em Pedrinhas, pode ser agricultor, cuidar de roça pela manhã e nesse caso levar insumos de sua roça para casa; ir ao mar e pescar variadas espécies de peixe pela tarde e no dia seguinte *catar* caranguejo para consumo familiar ou comercializar no porto com o atravessador¹⁴ ou ainda produzir farinha e a goma

¹⁴ Intermediário entre o catador de caranguejo e o comprador/exportador. Geralmente, para que o caranguejo do Delta do Parnaíba chegue ao consumidor final passa antes por três etapas: a cata, a base do ciclo, o atravessador, intermediário ente o catador e comprador de caranguejo, para posteriormente ser comercializado ao consumidor final. Nessa pirâmide econômica o catador é o que mais sair perdendo, pois, o comprador é que dita o preço, nesse caso, o catador

dentre seus inúmeros derivados. Ainda, conforme Cardel (2014, p. 626), “[...] do mesmo modo que não há uma atividade exclusiva, não há uma identidade única no grupo. Os sujeitos sociais possuem pluri-identidades” e é isso que os caracteriza como parte do grupo, suas múltiplas identidades.

Em relação a essas identidades, podemos destacar duas principais em Pedrinhas: a identidade de agricultor e *catador* de caranguejo. Os moradores da comunidade sempre foram agricultores, sendo esta a identidade que mais os caracterizam na comunidade, entretanto, como já foi dito, na década de 1970 houve o ‘boom’ econômico do caranguejo, a partir desse período a comunidade passou de uma comunidade de agricultores para uma comunidade de *catadores* de caranguejo.

Não que uma identidade esteja sobreposta à outra, como o fator econômico local dá a entender, pois o que pôde ser percebido durante a pesquisa, foi que os comunitários, naturalmente, se consideram agricultores e *catadores*, além de pescadores, pois sim, a pesca também é muito comum na região. Entretanto, para a sociedade o que conta é o fator econômico, inclusive, para órgãos como ICMBio, IBAMA e prefeitura, no delta só existem comunidades de *catadores* de caranguejo. Ou seja, essa foi uma identidade imposta principalmente pelo fator econômico, pois a sociedade tende a reconhecer somente o que gera renda, e como agricultura que já vem sendo realizada desde a origem da comunidade não gera renda externa, logo essa atividade não é reconhecida. Nesse caso a identidade de agricultor vem sendo reprimida, enquanto a identidade de *catador* passa a ser a identidade principal. Esse é um processo da subalternização das identidades que não geram rendas externas a comunidade, pois a renda gerada pela agricultura é invisibilizada, ao passo que é utilizada prioritariamente para o consumo familiar, sendo comercializado somente o que excede as necessidades familiares.

De todo modo, a identidade não é fixa, pode ser mutável e variável, de acordo com o pertencimento, Bauman (2005, p.17), corrobora da seguinte forma:

é obrigado a aceitar a negociação, pois há muito *catadores*, se um não vender pelo preço que é proposto, outros vedem.

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos por toda vida, são bastante negociáveis e renováveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme em tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'.

Desse modo, o autor explica que a identidade, bem como o pertencimento local e/ou social depende da situação atual do indivíduo, ou seja, se o mesmo está inserido no contexto sociocultural de um determinado local, por consequência disso, talvez, o mesmo possua um sentimento de pertencimento e incorpore isso na sua identidade.

Nesse contexto, entende-se que não é que os moradores de Pedrinhas sejam agricultores ou *catadores* e, sim, que são os dois e ao mesmo tempo. A *cata* do caranguejo pode acabar, mas a agricultura sempre esteve presente e sempre irá estar. Hoje eles 'estão' *catadores*, mas amanhã podem não estar mais, entretanto sempre serão agricultores, pois é isso que os define. Essa é sua cultura e também sua identidade principal.

Sobre esta discussão de cultura, sabemos que o termo é muito discutido e debatido no meio científico, motivo pelo qual muitos pensadores desenvolvem dissertações e teses sobre o tema, mas até nos dias atuais não se chegou a um consenso, dentre os tantos sociólogos, filósofos, antropólogos, cientistas sociais e outros diversos pesquisadores, acerca do seu significado. Há muitos conceitos, entretanto para que se chegue a uma definição, seria necessário um exame no âmbito de outras noções fundamentais das ciências sociais e sua correspondência com elas. "Uma definição só é metodologicamente efetiva/operante, se se enquadrar logicamente num sistema teórico mais amplo, como parte integrante e funcionalmente necessária do mesmo" (MARCARIAN, 1980, p.94).

Nesse contexto, Marcarian (1980, p.95) fala que, a partir dos séculos XVII e XVIII, muitos pensadores representantes do pensamento humanista europeu começaram a considerar a cultura como o natural, ou seja, cultura é "tudo o que o homem, como resultado da sociedade criadora, acrescenta à natureza propriamente dita". Entretanto, foi a partir do século XIX que cultura passou a possuir um caráter universal, quando se traz em questão os povos cultos e não-cultos, pois nessa concepção de cultura desenvolvida por Herder (*apud*

MARCARIAN, 1980), não há povos não cultos, uma vez que cada povo possui uma cultura distinta. Entretanto a globalização, tem um papel fundamental no processo de aproximação das distintas culturas e identidades mundiais, a que se atentar nos problemas que podem ser acarretados com essa aproximação.

A globalização, de fato, afeta as identidades, Hall (2005), fala que a globalização gera o que ele chama de 'homogeneização das identidades globais, sendo que:

A globalização caminha em paralelo com o reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compreensão do espaço-tempo. - A globalização é um processo desigual e tem sua própria 'geometria de poder'. - A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compreensão dos espaços-tempo. (HALL, 2005, p.80-81)

Esse processo de globalização é considerado por muitos estudiosos da identidade como prejudicial, pois com a homogeneização das identidades, muito do que é tradicional se perde em detrimento da hegemonia global, o que acarreta em uma sensação de culturas muito semelhantes, com apenas poucos elementos que diferem.

Outro efeito da globalização identificado por Hall (2005) é a produção de novas configurações culturais e identitárias. O exemplo trazido pelo autor é o das novas identidades que emergiram nos anos 1970, agrupadas ao significado *black* que, no contexto britânico, fornece um foco tanto para as comunidades afro-caribenhas quanto para as asiáticas.

O que essas comunidades têm em comum, o que elas representam através da apreensão da identidade *black*, não é que elas sejam, cultural, ética, linguística ou mesmo fisicamente, a mesma coisa, mas que elas são vistas e tratadas como 'a mesma coisa' [isto é não-brancos, como o 'outro'] pela cultura dominante. (IBIDEM, 2005, p.86)

No Brasil, podemos destacar um exemplo bem claro para esta análise, os nordestinos, apesar do termo representar um grupo identitário que vive na região nordeste do país, é utilizado muitas vezes pelo resto do país, principalmente nas regiões Sul e Sudeste como um único povo, tendo até mesmo uma conotação pejorativa. Entretanto, sabemos que o Nordeste é um mosaico

de culturas e povos que diferem uns dos outros tanto linguística quanto culturalmente. A infinidade cultural que essa região possui chega a ser impossível de ser mensurada. Ou seja, chega a ser arbitrário falar do Nordeste como um povo uno, sem considerar a infinidade de culturas que a região possui.

Mas todos esses processos que geram as várias culturas e, por consequência, definem a identidade dos grupos, passam por vários processos até serem caracterizados como de um determinado povo, é na verdade um processo milenar que passa de geração em geração, sendo moldado e resignificado por cada uma delas.

Partindo do ponto de vista sociológico, Castells (1999), afirma que toda identidade é construída, ou seja, “Não é difícil constatar do ponto de vista sociológico, que toda e qualquer identidade é construída, a principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece” (CASTELLS 1999, p.23).

Para compreender melhor essa questão vamos fazer a seguinte análise: Pedrinhas sempre foi uma comunidade de agricultores, o trabalho na roça sempre foi muito árduo, mas esse camponês não trabalhava sozinho, tinha ajuda do seu núcleo familiar, que geralmente era extenso. Logo, esse camponês possui uma identidade de agricultor, por cuidar da terra e prover o sustento familiar, mas esse agricultor também é um pescador e *catador* de caranguejo, pois pesca para complementar o alimento vindo da roça. Dessa forma, o morador de Pedrinhas se autodenomina como agricultor e pescador. Mas posteriormente surgiu uma ‘nova atividade’, dessa vez o camponês poderia vender seu caranguejo fora, logo, passou a ser denominado pelo mercado consumidor como *catador* de caranguejo.

A questão dessa nova identidade forjada é que como a comunidade ficou conhecida externamente pelo seu caranguejo, passou a ser caracterizada como comunidade exclusiva de *catadores*, pois, como a agricultura e o extrativismo são rendas indireta, são invisibilizadas fora da comunidade e, muitas vezes, até mesmo pelos órgãos gestores governamentais, e erroneamente são deixadas de lado, mesmo o camponês sentido que tais atividades fazem parte de sua cultura e identidade.

São esses elementos que vão indagar o real significado das identidades que comumente passam despercebidas em nosso dia a dia. Em relação a isso, Castells (1999), afirma que a identidade, por natureza, não existe, o que existe são as formas e os processos pelos quais a mesma se constrói perante a sociedade, mesmo que esses processos não sejam claros, o que geralmente não são, simplesmente esses processos culturais, aos quais estamos imersos e que crescemos envoltos, inconscientemente, passam a nos representar de alguma forma, é nesse momento que adquirimos uma nova identidade, seja ela imposta ou natural. Sobre a construção da identidade Castells (1999, p.23), ainda afirma:

A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo e espaço.

Essa matéria-prima é todo o processo de interação que o homem está envolto desde seu nascimento, ou seja, é toda a atividade cotidiana, em casa, no trabalho, no clube de férias, na igreja, na escola; são fatores que influenciam no processo de formação identitária, principalmente na infância, pois é nela que o homem define quem é e que tipo de pessoa se tornará.

Nesse contexto apresentado por Castells (1999, p. 22), o autor define identidade como:

[...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto representação quanto na ação social.

Nesta análise, podemos compreender que a identidade possui múltiplas faces e entre elas existem os papéis sociais que, apesar de possuírem significado, são fontes menos expressivas de valor. Essa análise se faz necessária para estabelecer a diferenciação entre identidade e o conjunto de

papeis preestabelecidos que compõem um indivíduo na concepção de um ser social. Nesse contexto, as identidades são como “fontes mais importantes de significado do que papeis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que o envolve.” (CASTELLS, 1999, p. 22). Desse modo, identidades organizam os significados e os papeis organizam as funções.

A Identidade, sendo algo que define o papel social do indivíduo ou o ambiente em que ele vive, pode, desse modo, retratá-lo e caracterizá-lo como algo que será reconhecido, positiva ou negativamente para o meio exterior. Novamente, relembro aqui o caso da criação da identidade de *catadores* de caranguejo citada acima em Pedrinhas, que se tornaram para o meio externo uma comunidade apenas de *catadores* de caranguejo. Neste contexto, Santos (1993, p.31), afirma que identidade é na verdade “Identificações em curso”, está em constante movimento, pode mudar e sofrer influências do meio. Assim, entendo a concepção de identidade como algo que não é estático e sempre muda conforme as experiências vividas, pois o ser humano possui uma capacidade de integrar-se ao meio e aderir a si, novos conceitos e, por consequência, novas identidades. Não que esse processo seja negativo ou positivo, Pedrinhas ser conhecida somente como uma comunidade de *catadores*, mas a questão aqui levantada é que ela não é somente isso.

A cultura de um povo está diretamente relacionada com a sua identidade, pois é através dela que ele se identifica no meio. Desse modo, pode-se dizer que cultura e identidade possuem conceitos inter-relacionados. Cultura é tudo que rodeia e se relaciona com o homem; enquanto identidade, é como “a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 1999, p.22). Nesse meio, se insere a identidade local, visto que, dependendo do local e influências sofridas, a cultura pode diferir das outras e, por consequência, a identidade relacionada ao meio muda.

Nesse sentido Laraia (2009, p.17) afirma que a cultura não está relacionada com o fator biológico e sim com o social, esse seria o sujeito pós-moderno retrato por Castells, mas para que fique mais claro trago um exemplo simples: ser africano, europeu, ou americano não determina que o indivíduo desenvolva a cultura desses locais, pois se uma criança indiana for levada em seus primeiros meses de vida para o Brasil e ser criada por uma família

sertaneja, ela terá o modo de vida e os preceitos iguais aos seus 'novos irmãos' por estar inserida nesse meio. Nesse sentido Locke (1690 *apud* LARAIA, 2009, p. 14-15), assegura que “[...] A mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, dotada apenas da capacidade ilimitada de obter conhecimento, através de um processo que hoje chamamos de endoculturação”. Essa citação de Locke, é bem forte ao ponto de ser muito clara e objetiva, pois, se somos uma “uma caixa vazia”, a cultura não é nada mais que o conteúdo a preencher essa ‘caixa’.

Em Pedrinhas existem muitos papéis sociais, pois é uma comunidade camponesa que vive do extrativismo do caranguejo desde a década de 1970, além de desenvolver atividades de agricultura e pesca, como já sabemos. Uma comunidade como essa, carrega consigo muitos elementos culturais que são repassados de geração em geração, um deles são o papéis exercidos por cada pessoa para que se tenha o equilíbrio da estrutura social local.

O homem, como em muitas culturas, é o responsável de prover o alimento: é um pescador que vai ao mar, é o *catador* de caranguejo que vai ao mangue, é o agricultor que prepara o terreno para o plantio, é o forneiro que torra a farinha e acima de tudo é o pai de família; com a mulher não é diferente, além de ser a mãe que cuida dos filhos, é quem comanda a família, e possui um papel fundamental na estrutura social, pois é ela quem prepara e cuida de tudo que o homem traz do mangue, é também catadora de ostra e de marisco, é a agricultora que cuida do plantio na roça e do canteiro de legumes no quintal, é quem cuida dos animais (galinhas, patos, porcos, marrecos e etc.), também é a responsável por preparar a mandioca para que se torne farinha, preparar a goma para o consumo familiar durante a farinhada¹⁵ dentre inúmeros outros papéis que são vitais para a sobrevivência familiar. Em relação ao papel da mulher, muitos pesquisadores relatam a sua importância para a manutenção do equilíbrio familiar e comunitário, como: Candido (2010), Woortmann (1990), Queiroz (1973) e Cardel (2010); em suas pesquisas relatam o papel estrutural que a mulher possui, pois, seu trabalho se completa com o do homem e vice-versa.

¹⁵ Processo de preparo da farinha nas casas de forno, na farinhada também é feita a goma, que é a base para o preparo de bolos, tapioca e etc.

Os papéis sociais são de muita importância para que a sociedade mantenha o equilíbrio, pois tais funções exercidas por esses atores garantem a sobrevivência de grandes e pequenas sociedades e culturas, além de exercerem um papel fundamental na reafirmação da identidade, é como uma cadeia, onde tudo está interligado, na falta de um elemento, a estrutura se fragiliza e pode entrar em colapso.

Com isso, podemos concluir que os papéis são as funções exercidas na sociedade, sim, mas Castells (1999, p. 23), ainda afirma que as identidades podem ser múltiplas e não necessariamente estão ligadas aos papéis sociais. As identidades “[...] constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles organizadas, e construídas por meio de um processo de individualização”. Ao comparar os dois termos Castells (1999), ainda afirma que as identidades organizam os significados, de modo que os papéis organizam as funções. Nessa perspectiva, um catador de caranguejo reafirma seu papel como forma de reafirmar sua identidade de catador, isso parece simples, mas envolve sentimento de pertencimento que muitas vezes podem gerar conflitos internos e externos.

Segundo Bauman (2005), há algumas décadas, a ‘identidade’ não era debatida na academia, permanecendo somente como um objeto de meditação filosófica; foi a partir de meados dos anos 1990 e início dos anos 2000 que a identidade se tornou um assunto importante, extremamente debatido e atual.

Você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma forma (IBIDEM, 2005, p.23)

Provavelmente as mudanças socioculturais que vêm surgindo, tenham despertado o interesse dos pesquisadores em estudar os processos identitários, a fim de compreendê-los em sua essência. Bauman (2005, p. 26) conclui que:

A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia.

Em pequenas comunidades, assim como em grandes sociedades, este conceito de Bauman (2005) pode ser observado, pois ao passo que a/o mulher/homem possuem a necessidade de manter uma família com uma certa estabilidade, buscam meios pelos quais possam obter êxito, entretanto na maioria dos casos encontram dificuldades. De certo modo, a busca por um meio de trabalho, seja artesanal ou profissional, o ator social cria, nesse processo, identidades baseadas nos conceitos e regras impostas pelo meio social onde vivem.

Ou seja, o conceito de identidade surge com a sociedade ao criar imposição e conceitos [ideias] que são exigidos ao ser humano, para que o mesmo possa se integrar a ela [sociedade] ou não, através do cumprimento dessas 'imposições sociais'.

No caso do delta do Parnaíba, uma das principais fontes de renda desenvolvida pelos moradores é a *cata* do caranguejo-uçá, logo, os “homens da casa” passam a ter o papel de provedores, elencando a atividade tradicionalmente desenvolvida no local como parte do seu cotidiano, o que faz disto parte de sua identidade e cultura mesmo que de forma imposta e arbitrária; por outro lado o papel da mulher é de fundamental importância, pois são elas as responsáveis de cuidar da casa, dos filhos da colheita e preparar o alimento que o homem traz do mangue, e no caso de Pedrinhas, quando não, elas mesmo vão ao mangue em busca de alimento, ou seja, o trabalho feminino e masculino, em Pedrinhas e muitas outras comunidade camponesas são complementares e fazem parte de uma dinâmica social e proporcionam um equilíbrio fundamental para essa famílias.

Bauman (2005, p.19), ainda complementa ao afirmar que “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação as últimas”. Com esta afirmação, conclui-se que os atores sociais estão envolvidos com suas identidades, que podem ser várias, de modo que várias outras ‘identidades’ o envolvem e se incorporam de forma que não se possa estabelecer um poder de referência entre uma e outra.

2.1 AS TRADIÇÕES LOCAIS DE PEDRINHAS

O modo de vida, tradições, atividades econômicas, dentre outros aspectos que formam a identidade são de fato responsáveis pela caracterização de um povo. Segundo dados levantados em entrevista aos moradores da comunidade de Pedrinhas, as principais tradições apontadas foram: o festejo de Santo Antônio, a roça, a pesca, farinhada, pacamão com coco, dentre outras. Conforme uma moradora local, uma importante tradição é trabalhar na roça, em suas palavras a moradora relata: “Trabalhar na roça é o que a gente considera a nossa tradição, que a gente já trabalha desde pequeno, aí nossa tradição é essa.” (ENTREVISTADO 1, Dona de cada/agricultora 30 ANOS). Desse modo, pode-se observar que a atividade econômica da comunidade está muito ligada ao modo como a própria vê suas tradições e as relaciona no todo cultural da comunidade. De acordo com Moran (1974, *apud* LITTLE, p.9):

As populações extrativistas representam outros grupos sociais incluídos na categoria de tradicionais e tendem a ser reconhecidos pelos produtos que extraem e vendem no mercado – seringueiros, castanheiros, babaçueiros, pescadores –, apesar deste ser apenas um elemento de um complexo sistema de adaptação que inclui caça, pesca, agricultura, fruticultura e criação de pequenos animais.

No caso de Pedrinhas, o extrativismo do caranguejo-uçá, por este motivo existe a RESEX Delta do Parnaíba, que visa prioritariamente a preservação no processo de extrativismo desse crustáceo tão valorado na região, como já foi citado. Mas, o que vem a caracterizar uma comunidade como tradicional? A *cata* do caranguejo é relativamente recente na comunidade, pois foi a partir da década de 1970 que o crustáceo ganhou importância econômica na região; antes desse período, Pedrinhas era uma comunidade mais pesqueira e agrícola. Apesar disso, a *cata* do caranguejo é considerada, pelos próprios moradores como uma atividade tradicional local, pois mesmo antes de sua comercialização, era consumido pelos moradores do delta, esta região sempre foi o habitat natural do caranguejo e inúmeros outros frutos do mar.

São inúmeras ilhas e ilhotas, muitas sem nem mesmo possuir terra firme, algumas são compostas somente de uma floresta de manguezais que sofrem diariamente com o fluxo das marés. Essas ilhas, inabitáveis pelo homem, são os

ambientes ideais para que a vida marinha floresça. Não é à toa que, vendo essa abundância os moradores locais, para suprir a necessidade alimentar coletassem esses crustáceos para o consumo, por isso tanto o consumo de caranguejo, como ostra, mariscos, sururu e etc., sempre foi comum em Pedrinhas, tanto que muitas pessoas se fixaram na região a fim de desfrutar dessa fonte de alimento. Logo, consumir esses alimentos vindos do mar são tradições na comunidade, sempre houve esse consumo desde sua origem, entretanto, a comercialização em larga escala é de certa forma recente, alguns catadores e pescadores vendiam o excedente do trabalho para amigos vizinhos e/ou nas feiras mais próximas localizadas na sede municipal de Araióses, o mesmo acontecia com o excedente agrícola, que também é uma atividade tradicional de Pedrinhas e também dispõe de uma vasta área destinada ao plantio de roças.

Mas, para compreender melhor, tradição está mais ligada ao 'saber fazer', conhecimentos que são repassados de geração em geração, não importa se esse conhecimento é interno ou externo, o que torna o mesmo tradicional é sua transmissão e manutenção pelas novas gerações. Além do fato de que a cultura e nem mesmo as tradições são estáticas, ou seja, estão sempre em processo de ressignificação e aprimoramento. Porém, de todo modo, o trabalho unificado, a não venda de horas de trabalho e a subjetividade, são importantes características de comunidades tradicionais.

Além das comunidades tradicionais que vivem no Delta, também houve inúmeras comunidades indígenas na região, segundo o SESC (1996, s/p):

Os pouquíssimos descendentes indígenas estão ilhados em pequenas colônias de pescadores. O caboclo do delta tem que saber jogar e pescar a rede, entrar no mangue para apanhar caranguejo montar no cavalo, recolher o gado e também tem que saber plantar e colher, negociando o preço na hora da venda.

Essas características, ainda hoje, podem ser observadas nos atuais camponeses do delta, apesar de a criação de gado ter decaído bastante, ainda são criados nos quintais por algumas famílias: porcos, galinhas, patos e marrecos. Nem tudo é possível para o camponês extrair da terra ou do mangue e o morador da cidade também necessita de produtos agrícolas, logo a relação

cidade e campo possuem um paralelismo complementar, a respeito dessa relação Queiroz (1973, p. 36) fala:

A cidade necessita do camponês que lhe fornece víveres; o camponês compra na cidade tudo quanto não produz, que geralmente é pouco. Há um paralelismo complementar entre as duas economias e os dois estilos de vida.

Isso nos traz novamente ao conceito de mínimo vital que Candido (2010) se apropria e ressignifica de K. Marx, segundo o autor a obtenção de recursos para o equilíbrio do núcleo familiar, dentre as necessidades e os recursos do meio, dependem dos tipos de organização que desenvolvem, ou seja, o equilíbrio entre os bens produzidos e comercializados é que vão proporcionar uma relação de consumo entre o campo e a cidade.

Sobretudo quando encaramos a obtenção dos meios de vida, observamos que algumas culturas não conseguem passar de um equilíbrio mínimo, mantido graças a exploração de recursos naturais por meio das técnicas mais rudimentares, a que correspondem formas igualmente rudimentares de organização. [...] Assim, os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das 'reações culturais', desenvolvidas sob o estímulo das 'necessidades básicas'. [...]. Por outro lado, a alimentação ilustra o caráter de sequência ininterrupta, de continuidade, que há nas relações do grupo com o meio. Ela é de certo modo um vínculo entre ambos, um dos fatores da sua solidariedade profunda, e, na medida em que consiste numa incorporação ao homem de elemento extraídos na Natureza, é o seu primeiro e mais constante medidor, lógica e por certo historicamente anterior à técnica. (CÂNDIDO, 2010, p.27-28)

O que acontece, muitas vezes, é que algumas comunidades que vivem do extrativismo¹⁶ agrícola ou marinho, como em pedrinhas, não são capazes de proporcionar um crescimento maior, pois tais atividades são somente capazes de proporcionar o alimento e alguns outros insumos também necessários para a sobrevivência. Esses mínimos vitais, não estão relacionados somente ao alimento, mas também às vestimentas, convívio social e cultural.

¹⁶ Coleta de bens da natureza, que não depende da ação do homem para ser plantada. Extrativismo é o termo utilizado para representar o ato da retirada de todo o tipo de material da natureza para fins comerciais, pessoais ou industriais. (AURÉLIO, Dicionário da Língua Portuguesa, 2017.)

Por esse motivo, com a pesquisa também buscamos os elementos culturais que forma a comunidade. Essa etapa também foi realizada através de entrevistas, desta vez, moradores de todas as faixas etárias, com a finalidade de compreender como a percepção de cultura, nas diferentes gerações que compõem Pedrinhas se desenvolvem.

Com as entrevistas pôde-se perceber a insegurança de alguns entrevistados em determinados momentos, principalmente quando perguntados sobre suas tradições, pois enquanto alguns afirmavam suas tradições, outros não as relacionavam de tal forma, como pode ser observado nas falas abaixo:

Não tenho conhecimento de nenhuma tradição. O único conhecimento que eu tenho aqui mesmo só é a festa do padroeiro e pronto, que essa eu sei que já é de muito tempo. A não ser que tenha outra, mas eu não tenho conhecimento, aqui não (JOVEM 2; 24 anos, Professora 2014).

A tradição que eu sei, que tinha antigamente e tem até hoje é o festejo de Santo Antônio [...], o festejo é de mais de 100 anos, porque minha sogra era encarregada da igreja e ela morreu com 85 anos e já tem mais de 15 anos que ela morreu (SENHORA 9, 65 anos, Dona de casa/aposentada, 2014).

A maioria dos entrevistados identificou o festejo religioso como a maior e principal tradição local, sendo festejado desde a chegada dos primeiros moradores até os tempos atuais, por cerca de quase 200 anos. Em uma das entrevistas, um morador mais idoso relata que a primeira igreja construída na comunidade pelos moradores foi feita com tijolos de barro e cascalho¹⁷ de ostra, materiais muito comuns na região. “Fizeram essa igreja carregando tijolo na cabeça e cascalho de ostra, que eles iam buscar na Barreirinha a pé.” (SENHORA 9, 65 anos, Dona de casa/aposentada 2014).

Um fato curioso, ligado às tradições e cultura local, que tem sido repassado para as novas gerações da comunidade é que vários anos após a construção da igreja, por volta de uns 60 anos atrás, houve uma forte tempestade e um raio atingiu a capela, fazendo com que a mesma caísse. Entretanto, apesar das paredes, o teto e quase tudo que estava no interior da capela ter sido

¹⁷ O cascalho de ostra é queimado e o pó resultante, pode ser utilizando como cal para pintar as paredes, esse pó também era misturando com o barro e/ou areia, pois o mesmo age como cimento e dá liga nas paredes, isso torna a estrutura da casa mais resistente a agentes como chuva e tempo. (SENHOR 5; 68 anos, Pescador/aposentado 2014).

destruído, o altar onde se localizava o santo (Santo Antônio padroeiro local) permaneceu intacto, este mito explica o forte apego religioso dessa comunidade, inclusive nos dias atuais, mesmo com a chegada das igrejas evangélicas na comunidade.

Apesar de não haver padre na capela com frequência, pois como fala Queiroz (1973), os padres sempre foram muito escassos no sertão brasileiro. Em Pedrinhas, existem ativos grupos de jovens, catequese, romarias e o festejo tão aguardado pelos moradores durante todo o ano. Durante estes festejos, sempre há a presença de um padre vindo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, de Araióses.

Do ponto de vista religioso, o povo brasileiro foi obrigado a se adaptar a duas condições fundamentais, desde os primeiros tempos da colonização: quantidade mínima de sacerdotes e falta de conhecimento religioso. A adaptação se deu espontaneamente, e se exprimiu numa reorganização e reinterpretação do acervo de catolicismo tradicional trazido pelos colonos portugueses, de um lado e, de outro lado, de catolicismo oficial trazido pelos poucos sacerdotes que aqui aportaram. (QUEIROZ, 1973, p. 75-76)

Após o episódio do raio que atingiu a capela, foi construída outra capela em seu lugar também com tijolo e cascalho de ostra, que posteriormente foi substituída por uma em alvenaria e por último em 2011, foi construída e ampliada em relação ao seu tamanho original, a atual Igreja de Pedrinhas pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Araióses/MA.

Mesmo com o forte apego religioso que pode ser observado na comunidade, na década de 1970 o festejo foi interrompido por três anos, pois, a pessoa responsável (entrevistada não se recorda o nome) pela capela migrou para outra localidade no ano de 1975 por motivos de saúde, deixando a igreja abandonada. Após três anos, uma moradora tomou a frente do festejo que permanece ininterrupto até hoje, em suas palavras:

Quando a pessoa encarregada foi embora a igreja ficou fechada, aí um dia me deu vontade de ir lá, aí está a igreja toda suja, aí dei um banho, limpei tudo e botei o festejo para funcionar, ficou parado por 3 anos e em 1978 eu botei para funcionar, aí passei para outra pessoa e outra, e tai até hoje, mais sempre nós trabalhamos juntos (SENHORA 9, 65 anos, Dona de casa/aposentada, 2014).

Levando em conta as faixas etárias, pôde-se perceber que os jovens e até mesmo alguns adultos possuem pouco conhecimento das tradições da comunidade, muitos também nem sabem o que significa esse termo tão estudado na academia. Quando perguntados sobre as tradições locais as respostas foram vagas e quase sempre era nítida a falta do conhecimento acerca do assunto, como pode ser observado na fala de alguns jovens moradores da comunidade. “Humm, não sei... tradições eu considero aqui o festejo, só não sei porque” (JOVEM 10, 22 anos, Catador de caranguejo, 2014). “Não, no meu tempo já tinha passado aquela... dos índios que morava por aqui” (JOVEM 4, 17 anos, Agricultora/dona de casa 2014).

Eu não sei, antes o que tinha para mim no meu tempo continua tendo, né? O que tem aqui para a gente é um grupo de jovens, acompanhamento na igreja, isso sempre teve, pelo menos eu sempre acompanhei isso (SENHORA 3, 39 anos, Dona de casa 2014).

Tais respostas levam a discutir como e se as tradições locais são repassadas para as gerações mais jovens. Quando essa pergunta foi feita aos jovens, todos responderam que sim. Por outro lado, quando perguntado aos adultos e idosos se as tradições são repassadas para os jovens, a grande maioria respondeu que não, sendo apontada a falta de interesse dos jovens como a principal causa. Esta contradição é comum na literatura sobre estudos de comunidades centenárias, até porque as tradições se modificam ao serem transferidas para as novas gerações.

Sim, é repassada sim, sempre eles contam, as pessoas mais velhas contam para a gente. Mas só escuta quando falam, mas de procurar assim para saber mesmo não, eu não vejo muito isso não, só quando uma história aparecesse assim quando está contando um mais velho, aí a gente chega e escuta, mas de saber, de procurar a origem daqui eu não conheço assim quem vai atrás não (JOVEM 14, 17 anos, Agricultora/dona de casa 2014).

De certo modo a história e as tradições locais estão sendo repassadas, o que se deve identificar é até que ponto esse processo chega aos jovens. Como no relato acima, as histórias são contadas, mas não porque alguém buscou, simplesmente surgem de maneira natural, até mesmo pela necessidade que as pessoas têm em compartilhar a vida cotidiana com os familiares.

A vida em comunidade, muitas vezes é bastante complexa, pode gerar atritos como também bons momentos, principalmente em pequenas comunidades, como é o caso de Pedrinhas, onde todos se conhecem e compartilham de um mesmo ambiente social e círculo de amizade, em Pedrinhas também é muito comum o compadrio¹⁸, característica de comunidade do sertão nordestino, lá quase todos são compadres, seja por batismo ou de fogueiras nas tradições juninas, dessa forma vivem em comunidade e em perfeito equilíbrio.

Mas, na verdade, o que vem a ser uma Comunidade¹⁹? Em seu livro 'Comunidade', Bauman descreve logo na introdução um ideal de comunidade, aquela em que todos se conhecem, partilham dos mesmos sentimentos de afeto e amizade. Mas, logo o autor reitera, quebrando esse conceito, quando diz que essa comunidade imaginada não existe, ao meu ver, pelo menos não em convívio urbano.

Para começar, a comunidade é um lugar "cálido", um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (BAUMAN, 2003, p.7)

Na verdade, o que o autor quer mostrar é o imaginário que o homem possui com o viver em comunidade que outrora já foi. Atualmente as relações entre os comunitários estão cada vez mais frouxas e ninguém se conhece mais. As novas relações interpessoais são, segundo o autor, causadas pelo dinamismo, que é um efeito da globalização que assola o mundo atual. Esse dinamismo gera nas pessoas o medo, ninguém é confiável, não se pode ter liberdade e segurança, elementos essenciais em uma comunidade tradicional. Entretanto, não podemos ser reféns desse medo gerado a partir desse

¹⁸ Ver Queiroz, Maria Isaura. O Camponato Brasileiro, 1973.

¹⁹ Así como, de este modo, toda comunidade puede actuar como generadora de 'costumbres', así actúa cada una de alguna manera, al vincular con cualidades heredadas probabilidades de vida, supervivencia y propagación, em la selección de tipos antropológicos, por lo tanto, em verdadera crianza, y em ocasiones de modo muy eficaz. Lo mismo que em la homogeneización al cierre monopolizador com respecto al exterior, que ya conocemos em esquema, puede fijarse em cualquier elemento, por superficial que sea.

dinamismo social, a globalização pode ter aproximado as pessoas, principalmente com o advento da internet, mas a interação social ainda é muito mais importante que a virtual.

Para nós em particular — que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta [...] (BAUMAN, 2003, p.8-9)

As pessoas sentem-se cada vez mais sós, mesmo em uma multidão, esse é um dos efeitos resultantes da vida implacável que levamos nas grandes cidades, isso nos distancia cada vez mais dessa comunidade que sonhamos. Essa comunidade sonhada e esperada, é vista como algo inalcançável, principalmente nas grandes cidades em que o dinamismo é ainda maior. Bauman (2003) ainda conclui dizendo que essa tal comunidade em que todos se conhecem e se dão bem, compartilham dos mesmos interesses e interagem entre si, é na verdade, uma realidade inalcançável nos dias de hoje, pois ao ponto que chegamos não é nada fácil retroceder, até mesmo pequenas comunidades e cidades pequenas, tendem a passar pelo mesmo processo que as cidades grandes com o passar do tempo, a internet está tomando de conta de toda a cena global. Não que isso seja negativo, pois há discursões, até mesmo no meio acadêmico, a respeito da inclusão digital dos povos, mesmo assim a internet não deixa de possuir o papel de aproximadora e distanciadora das culturas, tornando-se, muitas vezes, como um meio de reproduzir intolerâncias culturais, religiosa, homossexuais, étnicas, dentre outras tantas.

Mas, voltando a discussão, o que difere uma comunidade tradicional de uma comunidade moderna? O modo de vida local tem o poder de determinar a identidade de um determinado local. No caso de comunidades tradicionais ou centenárias, o modo de vida representa as raízes provindas dos seus ancestrais e que perduram até hoje; enquanto uma comunidade moderna reformula seu modo de vida conforme as 'tendências' atuais. Com isso, comunidades que mantêm seu modo de vida tradicional podem vir a atrair atenção dos grandes centros urbanos que possuem a necessidade de vivenciar outras perspectivas.

Segundo o Ministério da Casa Civil (2007) nem toda comunidade pode ser tida como tradicional. Para que uma comunidade seja considerada tradicional, os nativos devem reconhecer isso através de suas tradições. Ou seja, a comunidade, através de suas tradições, entende-se como tradicional. Entretanto, Cardel (2016), afirma que para uma comunidade seja considerada como tradicional, basta que seus ensinamentos sejam repassados de geração em geração e que o 'saber fazer' de determinada atividade seja parte importante no desenvolvimento social e econômico, levando em conta o modo de vida.

Entretanto, como citado, o decreto nº 6.040 do Ministério da Casa Civil, de 7 de fevereiro de 2007, instituído a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, define os povos e comunidades tradicionais como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (CASA CIVIL, 2007, Art. 3º, I)

Esses elementos culturais não necessariamente devem ter surgido na comunidade, pois a cultura e tradições não são estáticas e estão aptas a receber influências externas, bem como influenciar outros grupos. Existem vários modos disso ocorrer, o turismo é um deles. O turismo, enquanto atividade econômica que pode trazer benefícios consideráveis para grandes e pequenas comunidades, também pode ser um problema, se não for devidamente organizado e estruturado.

Voltando ao conceito de comunidade Baumam (2003), o define como algo surreal, amigável e muito boa. Em suas palavras:

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos

outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAM, 2003, p. 8)

Essa vida harmoniosa que o autor fala não está tão distante assim da realidade de muitos. Apesar da vida corrida, voltada para o trabalho e com poucas relações sociais e comunitárias que o ser humano vive nas grandes cidades, nas pequenas comunidades todos se conhecem, conversam no fim da tarde com os vizinhos, parentes e amigos. Mas o que difere uma pequena comunidade de grandes comunidades? Por que o relacionamento interpessoal muda? Viver em comunidade não é fácil, na verdade é um desafio que poucos conseguem superar e viver plenamente, em especial nos dias atuais. Entretanto, a pequena comunidade além de ser um local onde a tradição e a vida simples reinam, pode vir a ser um refúgio em que o homem da cidade pode vivenciar através da atividade turística, uma vida simples, amigável e aconchegante, que pode lhe proporcionar o bem viver enquanto permanecer no local.

Baumam (2003) entende que comunidade é nada mais que um entendimento compartilhado. E, por este motivo, não pode sobreviver ao momento em que o entendimento se torna autoconsciente. Entretanto, o entendimento compartilhado, apesar de ser evidente, passa despercebido, ou seja, o homem não percebe a mudança até que ela aconteça. Desse modo, por estar habituado com, nesse caso, a vida em comunidade, a mesma torna-se algo estático. É necessária uma grande mudança para que ele perceba a vida que estava levando anteriormente [à mudança].

3 ASPECTOS ECONÔMICOS CULTURAIS DE PEDRINHAS

O papel da família é sem dúvida um dos mais primordiais da vida no campo. O camponês vive da terra, do mar, mas acima da força de trabalho da sua família e a sua própria. De acordo com Woortmann (2014), o caráter familiar da produção camponesa tem sido a “pedra de toque” para que se compreenda o campesinato, seja nos diversos âmbitos das ciências sociais, sendo a relação de parentesco, um tema fundante da antropologia.

De todo modo, as famílias camponesas passam por vários períodos de produção no decorrer dos anos, por exemplo: uma família jovem composta por marido e mulher em que possuem uma vasta área de plantio, tem um ritmo equilibrado, pois são duas pessoas produzindo alimento para duas pessoas, passam-se os anos e essa mesma família tem filhos pequenos, a produção começa a declinar, pois a produção que antes era suficiente para dois, teve que aumentar com a chegada dos filhos, entretanto não houve adição de força de trabalho, pois os filhos ainda são muito pequenos para ajudar. Passam-se mais alguns anos, as crianças tornam-se jovens, ajudam os pais no trabalho, nesse momento voltamos ao equilíbrio, esse período é o de maior produção familiar, em que a família dispõe de mais recursos, entretanto, há que se levar em conta que os pais já estão entrando na velhice e não produzem como antes, logo, os filhos mais velhos formam suas próprias famílias, nesse momento, a terra é dividida entre os filhos que começam um novo processo de produção nuclear. A respeito desse assunto Wanderley (2014, p. 145), fala:

Em cada momento da evolução da família, sua composição determina a capacidade da força de trabalho disponível e a magnitude de suas necessidades de consumo. Cabe ao chefe da família a responsabilidade de efetuar avaliações subjetivas, que permitam definir o grau e a intensidade da auto exploração de sua força de trabalho.

Entretanto, hoje com as políticas públicas da aposentadoria rural e de programas como o bolsa família, as pessoas mais velhas passaram a ter uma importância fundamental na renda dos grupos domésticos das comunidades rurais. Programas como o bolsa família, acabam de certo modo incentivando que as famílias, principalmente dos meios rurais, tenham mais filhos. Historicamente

as famílias brasileiras costumavam ter muitos filhos, no campo isso significava adição de mais força de trabalho, mas com a escassez de recurso, essas famílias passaram a se formar cada vez menores, entretanto com a criação de programas como bolsa família e bolsa escola no governo Lula (2002-2009), ter mais filhos significou, também, ter mais renda disponível para o núcleo familiar. Os idosos quando antes significavam um custo para essas famílias, também passam a ter grande importância com a criação da aposentadoria rural, pois, muitas famílias usam essa renda para manutenção de insumos não produzidos na plantação e/ou pesca/cata.

Segundo os moradores mais velhos da comunidade, a vida em Pedrinhas sempre foi muito difícil, pois por ser pequena e se encontrar em um local pouco acessível, os recursos demoravam muito a chegar, entretanto dava para viver de uma forma digna e aceitável. Para esta etapa da pesquisa também foram utilizadas entrevista com os moradores da comunidade, especialmente nos grupos de catadores de caranguejo e agricultores locais. Outrora, o dinheiro era escasso, sendo necessária a retirada do sustento através dos recursos naturais que a comunidade dispunha. Como relata um morador local.

O trabalho nesse lugar é muito bom, porque aqui tudo tem, aqui tem lavoura, aqui tem lugar para sítio, aqui tem pescaria, tem peixe, aí você come sem comprar, depende a querer pescar, porque aqui você só compra comida se quiser, porque se não quiser tá o mar (SENHOR 13; 75 anos, Pescador/agricultor/aposentado 2014).

Conforme, Chayanov (2014, 114):

Quando a situação é difícil, devido às más colheitas ou ao estado desvantajoso do mercado, não é fácil para a família retirar da sua magra remuneração uma parte normalmente destinada ao consumo e utiliza-la na formação de novo capital ou, simplesmente, na renovação do capital circulante.

O autor ainda afirma que, mesmo o campesinato não exercendo papel fundamental no processo econômico que chamamos de capitalismo, pois o mesmo não objetiva o lucro, seu objetivo é em essência, a manutenção da vida no campo. Entretanto esse produto camponês é muito importante para essas famílias, sendo “[...] a única categoria possível de rendimento para uma

exploração artesanal ou camponesa baseada no trabalho familiar, visto não existir maneira de decompor objetivamente o rendimento”. (Chayanov, 2014, p. 105). Por esse motivo o capitalismo não o reconhece como atividade economicamente lucrativa, pois como vimos, nem mesmo o conceito, ‘lucro’, é utilizado para categorizar os insumos produzidos.

Em relação a carga de trabalho, conforme Woortmann (2014), a família camponesa organiza sua produção através de um auto avaliação subjetiva²⁰ e aleatória, a cargo do chefe da família, que é também baseada nas experiências de trabalho agrícola de gerações anteriores e experiências atuais. Desse modo, a família não intensifica o trabalho de seus membros para além do ponto de equilíbrio estabelecido subjetivamente.

Mas para que esse certo equilíbrio seja adquirido também é necessário analisar as condições locais as quais a comunidade camponesa se encontra. Os elementos naturais, sejam em qualquer âmbito, podem influenciar diretamente no modo como o camponês vê e se relaciona com a terra, no caso de Pedrinhas com o mar também.

A localização geográfica da comunidade, próxima ao Oceano Atlântico no Delta do Parnaíba, possibilitou a fixação de muitas pessoas, o alimento tornou-se acessível de forma que os moradores podiam extrair o máximo possível de recursos do manguezal. O recurso, advindo através da lavoura e da pesca, segundo os moradores mais antigos, era quase todo para o próprio consumo familiar e mesmo com o produto em abundância para venda era difícil aparecer compradores. Hoje, esse quadro tem mudado, como pode ser observado na fala do morador local. “[...] O dinheiro era escasso, porque você podia ter o que vender, mas não tinha aquele comprador como hoje é certo. ” (SENHOR 5, 68 anos, Agricultor/aposentado, 2014)

Conforme informações adquiridas através da pesquisa de campo, para os moradores locais, a principal fonte de renda é a *cata* do caranguejo-uçá, como sabemos é isso que os órgãos gestores passam tanto dentro como fora da comunidade, fazendo com que a comunidade seja reconhecida dessa forma. Nesta perspectiva, em seguida vem a pesca e por último, a agricultura, com o

²⁰ Essa relação foi chamada por Chayanov como o ‘Grau de Auto Exploração de Trabalho’.

destaque para a plantação da mandioca para fazer farinha. Entretanto, nem sempre foi assim. Até a década de 1970 a principal fonte de renda que se destacava era a agricultura, sendo complementada pela pesca. Nesse período, também houve grande procura pela extração da casca de mangue²¹, que também teve muita importância econômica na comunidade, antes mesmo do interesse pelo caranguejo-uçá.

Até meados da década de 1970 a *cata* do caranguejo era realizada prioritariamente para consumo familiar, foi a partir da década de 1970 que tal atividade começou a despertar o interesse econômico na região. A partir daí, tal atividade econômica começou a fazer parte do cotidiano de muitos dos moradores de Pedrinhas, bem como de toda a região do Delta do Rio Parnaíba, sendo atualmente considerada pelo IBAMA (2013), a principal região de *cata* e exportação deste crustáceo do Brasil, tendo seu maior mercado consumidor na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, Brasil.

A comunidade sempre consumiu o caranguejo, entretanto, foi somente em meados da década de 1970 que começou a surgir um mercado consumidor do crustáceo na região. Percebendo isso, os moradores começaram a comercializá-lo, pois havia caranguejo em abundância no local. Atualmente a *cata* tem decaído bastante, com a grande demanda e o uso de técnicas predatórias, o caranguejo tem ficado escasso nos últimos anos, como relata um catador local da comunidade:

Está muito ruim, porque está só R4,40 a corda para nós. São 4 caranguejos por corda e sai por R\$1,10 cada. Tem mês que pego só 50 ou 60 cordas por semana. Mas é difícil, as vezes só pego 7 cordas em 4 dias, mas tem deles que não respeitam não. Porque assim, a gente sai bem cedo para pegar 6 cordas, é muito pouco (ENTREVISTA 15, 32 anos, Catador de caranguejo, 2016).

Mesmo com o aumento do valor comercial que era repassado para os atravessadores, como na fala anterior, antigamente a unidade do caranguejo era comercializada por cerca de R\$0,20, apesar do baixo valor os moradores conseguiam uma boa renda, pois como havia muito caranguejo e poucos

²¹ Casca de mangue, segundo dados obtidos na entrevista, é a cobertura que protege o caule do mangue, esse material era utilizado no processo de curtimento do couro na época para produção de seus derivados.

catadores, um catador tirava cerca de 60 a 100 cordas²² por dia de caranguejo, bem diferente da realidade atual. Mas também é necessário levar em conta a valorização do real nesse período, bem como a inflação que era bem menor que nos dias atuais.

Por mês mesmo a gente tira R\$500, mas só que não é todo mês, o menor valor que a gente tira, é R\$100, R\$200, por mês, mas também tem mês que a gente tira isso em 4 dias está entendendo. É assim vai pela maré né (JOVEM 17, 28 anos, Catador de caranguejo, 2016).

A questão da maré é também um fator crucial para a *cata*, pois sua variação gera períodos de abundância e escassez do caranguejo, também, há que se considerar o período de defeso²³, que consiste na proibição da *cata* em períodos determinados, geralmente na *andada*²⁴, como é descrita pelos moradores locais o período de acasalamento que começa em janeiro e pode ir até março, dependendo das fazes da lua, sendo que nesse período há momentos de proibição e permissão para a *cata*, que geralmente sofrem intervalos de uma semana, como segue abaixo, conforme publicado no Diário Oficial da União em 23 de janeiro de 2017, os períodos de defesos de caranguejo-uça para os anos de 2017, 2018 e 2019. O Diário Oficial da União também reitera que essa restrição vale para os Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

I - No ano de 2017:

- a) 1º Período: de 13 a 18 de janeiro, e de 28 de janeiro a 02 de fevereiro;
- b) 2º Período: de 11 a 16 de fevereiro, e de 27 de fevereiro a 04 de março;
- c) 3º Período: de 13 a 18 de março, e de 28 de março a 02 de abril.

²² Nessa região do estado, utiliza-se muito esse termo 'corda de caranguejo', o mesmo é utilizado para determinar um grupo de quatro caranguejos que são amarrados juntos com palhas de carnaúba seca, é dessa forma que o caranguejo é tradicionalmente comercializado na região.

²³ Diário Oficial da União, Art.1º Proibir a captura, o transporte, o beneficiamento, a industrialização e a comercialização de qualquer indivíduo da espécie *Ucides cordatus*, conhecido popularmente como caranguejo-uçá. (2017, seção 1)

²⁴ Categoria êmica que se refere ao período de acasalamento de caranguejo-uçá no Delta do Parnaíba/MA;

Conforme o Diário Oficial da União § 1º. Entende-se por "andada" o período reprodutivo em que os caranguejos machos e fêmeas saem de suas galerias (tocas) e andam pelo manguezal, para acasalamento e liberação de ovos. (2017, seção 1)

II - No ano de 2018:

- a) 1º Período: 2 a 7 de janeiro e 17 a 22 de janeiro;
- b) 2º Período: 1º a 6 de fevereiro, e 16 a 21 de fevereiro;
- c) 3º Período: 2 a 7 de março, e 18 a 23 de março.

III - No ano de 2019:

- a) 1º Período: 6 a 11 de janeiro, e 22 a 27 de janeiro;
- b) 2º Período: 5 a 10 de fevereiro, e 20 a 25 de fevereiro;
- c) 3º Período: 7 a 12 de março, e 21 a 26 de março.

Essas restrições tem um papel fundamental na sobrevivência dessa espécie, o controle é importante, pois garante o período de reprodução do caranguejo sem que haja a intervenção humana. Entretanto, mesmo com o defeso, o aumento da demanda e com o surgimento de novos catadores, o crustáceo tem diminuído cada vez mais e seu valor comercial tem aumentado, mesmo que ainda esteja abaixo do valor justo²⁵ aos catadores, que são a base para sua distribuição, ao passo que são os mais explorados. Durante as entrevistas, foi muito recorrente os catadores falarem dos baixos valores de venda que o caranguejo possui em sua base comercial, como vemos nas falas a seguir:

É assim mesmo, a gente gasta nossa força e nosso trabalho, mas é para enriquecer os outros [...] O caranguejo é ensacado agora, eles só contam as cordas e botam dentro desses sacos, aí vai separando, os grandes para o lado e os médios para outro. O grande é R\$1,10 e o médio é R\$0,80 (Muito barato né). E na Brasília é R\$20 só um caranguejo[...]. Por uma parte valorizou mais viu, que nós vendíamos era R\$2,50 a corda desse que nós estamos vendendo por R\$4,4. Mas no mínimo um caranguejo desse que nós vendemos por R\$1,1, era para ser uns R\$4 ou R\$3 e está barato. Era para ter vindo aqui o ICMBio para a gente ver esse preço, mais nunca mais vieram. Teve até umas reuniões aqui, mas eu não fui em nenhuma não (SENHOR 16, 41 anos, Catador de caranguejo, 2016).

²⁵ No passado, até mesmo há poucos anos, o caranguejo era repassado aos atravessados por valores irrisórios, um caranguejo chegou a custar R\$0,15 para o catador.

Este fato tem sido o motivo de muitos catadores terem deixado o ofício nos últimos anos e procurado novas alternativas de renda. Esse contexto pode ser observado na fala a seguir:

Agora o caranguejo está mais difícil e já tem muita gente saindo fora mesmo [...]. O caranguejo agora diminui muito, é que agora eles querem um caranguejo grande que é de 8 cm, que não tem mais esse caranguejo, já a procura caiu, o pessoal acha que não dá, aí tão saindo fora por isso. O caranguejo está diminuindo porque a demanda é muito grande, muita gente tirando, porque de Tutoia até Carnaubeiras por aqui tudo tinha gente tirando, eles tiravam era para estruir. Hoje não, eles tão pegando aquele já para levar, aqueles que não servem, já tão soltando. Eu acho que era para ser assim desde o início, aquele que não precisasse soltava que amanhã já tinha e futuramente já estava bom. (SENHOR 7, 50 anos, Catador de Caranguejo/agricultor 2014)

No passado, até mesmo recente, antes da intervenção do ICMBio havia muito desperdício desde a *cata* até o consumidor final, pois muitos catadores pegavam tanto os caranguejos grandes como os pequenos e também as fêmeas, sendo que muitos dos pequenos eram descartados e mortos ou morriam no transporte até os atravessadores

[...] E quando a gente estava amarrando, aquele caranguejo que mordida a gente... A gente arrancava as patas tudinho. Ainda mais que a gente estava zangado empestado por mosquito para danar; esse daí a gente arrancava a pata que vinha com carne e tudo, esse chegava lá já morto. Ai ele (comprador) dizia que morria muito e a gente dizia que não. Mas hoje em dia se faltar uma pata eles não levam, a gente toma o maior cuidado, para que dê certo e eles levem nosso caranguejo. (SENHOR 18, 42 anos, Catador de Caranguejo, 2016)

Além do trato que os próprios catadores tinham com o caranguejo, havia ainda o transporte que era muito irregular, o que acarretava em muitas perdas, como pode ser observado na figura 14.

Os atravessadores empilhavam centenas de caranguejos em embarcações de pequeno e médio porte para, posteriormente, o crustáceo seguir em caminhões até Fortaleza, que era (e ainda é) seu maior mercado consumidor. Nesse processo havia perda de cerca de 50% da carga, pois o transporte em caminhões era feito de forma muito irregular, sendo que os animais eram empilhados um por cima dos outros e transportados muitas vezes para longas distâncias, muitos morriam sufocados. Atualmente, por intermédio

do ICMBio o transporte é realizado em caixotes (Figura 15) de isopor com o limite máximo de caranguejos, com água e folhas em abundância para que diminua as perdas.



Figura 14: Modo antigo de transporte do caranguejo-uçá do Delta. Fonte: Voz da Ilha, (2011)

Com a grande demanda nos últimos anos, a atividade da *cata* tem se tornado cada vez menos rentável. Segundo alguns moradores há cinco anos atrás, um catador conseguia tirar cerca de R\$ 1000,00 por mês somente com o caranguejo; hoje, em um mês bom, o catador não consegue R\$ 500,00. Isso mostra que a atividade tem decaído muito em um curto período de tempo, se for levado em conta a importância econômica que a atividade possui em muitas comunidades do delta.

Esse dado pode ser considerado alarmante, pois os moradores das comunidades que vivem da *cata* do caranguejo, como é o caso de Pedrinhas, terão a necessidade de buscar outras formas alternativas de renda direta, a fim de compor as já existentes para que não tenham a necessidade de sair para outras localidades em busca de melhores condições de vida, como vem acontecendo. Entretanto, como já foi dito, nem sempre o caranguejo foi

considerado uma importante atividade econômica, antes, havia a agricultura e pesca, que perduram até os dias de hoje, sendo de grande importância na economia local, mesmo que de forma indireta de renda para as famílias camponesas de Pedrinhas.



Figura 15: Modo atual de transporte do caranguejo-uçá do Delta. Fonte: Acervo Pessoal (2016)

Como nas falas de alguns moradores, há muita evasão da comunidade, as pessoas, principalmente as mais jovens saem da comunidade em busca de melhores condições de vida. Com o sucesso, essas pessoas tornam-se importantes fontes de renda para os familiares que ficam. Se acabar o caranguejo, a comunidade terá que arranjar outra forma de dar suporte à sua existência material. E, com certeza, a migração e envio de subsídios financeiros de volta à comunidade serão de grande importância econômica na comunidade, pois a migração é constante na comunidade.

Mas também a comunidade dispunha de outras atividades que geram renda, mesmo que de forma indireta. Sobre as atividades econômicas um morador local relata que:

Hoje é a roça, a mandioca para fazer farinha e o caranguejo, mas nem se fala mais, porque está muito pouco, o pessoal vai para o mangue e arranca 2, 3, 4 cordas de caranguejo isso não é nada, já deu muita renda o caranguejo, mesmo, mas hoje não dá como antes, alguma pesca ainda vai. Mas antigamente era só roça mesmo aqui, depois que começou o caranguejo, muito tempo depois, e naquele tempo tinha a casca de mangue para vender por arroba e se manter com o mais necessário, em 1958 foi uma grande seca aqui, aí tinha essa venda de casca de mangue. (SENHORA 9, 65 ANOS, Dona de casa/aposentada, 2014)



Figura 16: Caranguejo- uçá. Fonte: Acervo Pessoal (2016)

Esses dados nos levam a concluir que Pedrinhas sempre foi uma comunidade agrícola e mesmo que hoje viva o 'boom' da *cata* do caranguejo, a comunidade não por isso deixou de desenvolver atividades agrícolas, pois essa, é a base da economia familiar, mesmo com o caranguejo em alta, mas se o caranguejo um dia acabar, por certo que a comunidade não vai sumir, como a prefeitura e órgão gestores passam, apenas a comunidade vai voltar-se para agricultura novamente, pois ciclos econômicos vem e vão, mas o que gera a base e mantém a estrutura em equilíbrio sempre permanece, mesmo que de forma indireta.

Apesar desse termo não perpassar na vida cotidiana dos camponeses, como disse Chayanov (2014), para o camponês não existe o conceito de salário e sim a capacidade de auto exploração, com essa afirmação, logo podemos compreender que renda como conceito abstrato do capital também é inerente a vida cotidiana em comunidades camponesas como em Pedrinhas. Mas, para o âmbito desta pesquisa, vamos utilizar conceitos como 'renda direta' e 'renda indireta'.

A renda direta vem a ser tudo que a comunidade produz que gera acúmulo monetário, como a *cata* de caranguejo, por exemplo. Com essa renda o *catador* pode comprar insumos que a família não produz na roça, mas que são indispensáveis para a sobrevivência, como roupas e calçados. Já a renda indireta é tudo que a família produz para consumo próprio, como a farinha, o plantio da roça, dentre outros.

Essas duas rendas são indispensáveis, mas será que a renda direta adquirida através da cata do caranguejo é primordial para essas famílias? Com o objetivo de compreender a importância dessas duas rendas foi realizado uma 'pesquisa de renda indireta' com cinco famílias, durante a pesquisa de campo, com o objetivo de identificar o real impacto que a produção camponesa tem na economia das famílias de Pedrinhas, e com isso identificar qual a principal renda dessa comunidade, pois todos esses núcleos familiares possuem forte relação com a terra e o mar.

Essa etapa da pesquisa ocorreu da seguinte forma, durante as atividades de pesquisa realizada na comunidade, foram visitadas cinco famílias, com a finalidade de realizar um mapeamento da renda indireta que essas famílias possuem. Para esta pesquisa foram destacadas três famílias, como podemos constatar os seguintes resultados expostos nas tabelas a seguir.

A tabela 1, refere-se ao cálculo da renda indireta da família 1, que foi ouvida durante as atividades de pesquisa no ano de 2016 na comunidade Pedrinhas, a família é composta por 8 membros, mas atualmente o corpo familiar é de 6 membros, pois as duas filhas mais velhas já saíram da casa dos pais. O pai e mãe são ativos economicamente no trabalho enquanto os outros quatro membros, duas filhas adolescentes e dois netos são dependentes. Nessa

estrutura patriarcal o pai trabalha como catador de caranguejo e também na roça e enquanto a mãe cuida da casa, filhas e netos, bem como da roça e eventualmente com coleta de ostras. Os resultados obtidos através do cálculo da renda indireta dessa família, pode ser observado abaixo na tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Família 1

		Produção	Valor Unitário	Valor total
JANEIRO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 200,00	R\$ 400,00
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Acerola	10L	R\$ 1,00	R\$ 10,00
	Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Galinha caipira	1 ave	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS			R\$ 266,10	R\$ 795,20
FEVEREIRO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 200,00	R\$ 400,00
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Acerola	10L	R\$ 1,00	R\$ 10,00
	Galinha caipira	1 ave	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS			R\$ 266,10	R\$ 833,20
MARÇO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Milho verde	40 Unidades	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Jerimum/Abobora	5 unidades	R\$ 3,20	R\$ 16,00
	Melancia	100	R\$ 4,00	R\$ 400,00

	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 200,00	R\$ 400,00
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Acerola	10L	R\$ 1,00	R\$ 10,00
SUBTOTALS			R\$ 248,30	R\$ 1.224,20
ABRIL	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 Unidades	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Jerimum/Abobora	5 unidades	R\$ 3,20	R\$ 16,00
	Melancia	100	R\$ 4,00	R\$ 400,00
	Batata doce	6,67Kg	R\$ 3,50	R\$ 23,35
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 200,00	R\$ 400,00
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
SUBTOTALS			R\$ 253,80	R\$ 1.312,55
MAIO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 Unidades	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Jerimum/Abobora	5 unidades	R\$ 3,20	R\$ 16,00
	Melancia	100	R\$ 4,00	R\$ 400,00
	Batata doce	6,67Kg	R\$ 3,50	R\$ 23,35
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 200,00	R\$ 400,00
	Jerimum/Abobora	5 unidades	R\$ 3,20	R\$ 16,00
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20	
SUBTOTALS			R\$ 257,00	R\$ 1.328,55
JUNHO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00

	Milho verde	40 Unidades	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Jerimum/Abobora	5 unidades	R\$ 3,20	R\$ 16,00
	Batata doce	6,67Kg	R\$ 3,50	R\$ 23,35
	Mandioca	800Kg	R\$ 0,75	R\$ 600,00
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 60,00	R\$ 120,00
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
SUBTOTAIS			R\$ 107,55	R\$ 1.157,55
JULHO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Feijão seco	8,33L	R\$ 4,00	R\$ 33,32
	Jerimum/Abobora	5 unidades	R\$ 3,20	R\$ 16,00
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 60,00	R\$ 120,00
	Goma	58,33Kg	R\$ 6,00	R\$ 349,98
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
SUBTOTAIS			R\$ 112,60	R\$ 907,50
AGOSTO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Feijão seco	8,33L	R\$ 4,00	R\$ 33,32
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 70,00	R\$ 140,00
	Goma	58,33Kg	R\$ 6,00	R\$ 349,98
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
SUBTOTAIS			R\$ 119,40	R\$ 911,50
SETEMBRO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Feijão seco	8,33L	R\$ 4,00	R\$ 33,32

	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 100,00	R\$ 200,00
	Goma	58,33Kg	R\$ 6,00	R\$ 349,98
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	Galinha caipira	1 ave	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS			R\$ 174,40	R\$ 996,50
OUTUBRO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Feijão seco	8,33L	R\$ 4,00	R\$ 33,32
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 130,00	R\$ 260,00
	Goma	58,33Kg	R\$ 6,00	R\$ 349,98
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	Manga	80 unidades	R\$ 0,25	R\$ 20,00
SUBTOTALS			R\$ 179,65	R\$ 1.051,50
NOVEMBRO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00
	Feijão seco	8,33L	R\$ 4,00	R\$ 33,32
	Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 200,00	R\$ 400,00
	Goma	58,33Kg	R\$ 6,00	R\$ 349,98
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
	Manga	80 unidades	R\$ 0,25	R\$ 20,00
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
SUBTOTALS			R\$ 250,65	R\$ 1.193,50
DEZEMBRO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	10 cordas	R\$ 4,00	R\$ 40,00

Feijão seco	8,33L	R\$ 4,00	R\$ 33,32
Farinha de puba	2 sacos 75Kg cada	R\$ 200,00	R\$ 400,00
Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
Coco seco	12 unidades	R\$ 3,60	R\$ 43,20
Manga	80 unidades	R\$ 0,25	R\$ 20,00
Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
Galinha caipira	1 ave	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS		R\$ 269,35	R\$ 838,52
TOTAL PARCIAL GERAL		R\$ 2.504,90	R\$ 12.550,27
TOTAL ANUAL GERAL			

Ao analisarmos a tabela acima, podemos destacar vários elementos importantes, como a renda indireta produzida no decorrer do ano e alguns insumos, como a farinha de puba, o pescado, os grãos dentre outros que serão discutidos mais detalhadamente adiante.

A farinha de puba, provavelmente, o alimento mais tradicional daquela região, produzida a partir da mandioca, que segundo Peixoto (2016) é um dos cultivos extremamente importantes de subsistência mais difundidos entre os agricultores familiares, atualmente é produzida com o aperfeiçoamento de técnicas indígenas, e ainda hoje é o alimento mais consumido em Pedrinhas. Por exemplo, a família 1 na tabela acima, produz no mês de junho em média 24 sacos de farinha, esse alimento é consumido durante o decorrer de todo o ano até a próxima produção. No ano seguinte, somente o excesso é vendido principalmente nos meses em que a farinha se encontra com seu maior valor de mercado. O valor comercial da farinha na região varia muito, pois nos meses de novembro a maio do ano subsequente, o saco com 75Kg da farinha pode chegar até R\$300,00. O caso é que como o período de produção, que é geralmente de junho a agosto de cada ano, após esse período, a farinha passa por um período de escassez no mercado, desse modo, seu valor de mercado aumenta consideravelmente, enquanto que no período de produção, como pode ser observado na tabela, o saco de 75Kg pode ser comercializado por \$70,00.

Outro alimento agrícola de grande importância na formação da renda indireta dessa família são os grãos, em destaque o feijão seco, conhecido

popularmente como feijão fradinho, pois mesmo após o período chuvoso que ocorre na região entre os meses de janeiro a junho de cada ano, o feijão seco pode ser armazenado e consumido até o início do próximo período chuvoso, como pode ser observado na tabela acima.

Os alimentos de origem marinha também são de grande importância para a família, pois mensalmente são consumidos cerca de 16kg de peixe de variadas espécies. O peixe faz parte da base alimentar dessa e muitas outras famílias da região, por ser abundante o peixe é um dos alimentos mais consumidos na comunidade. Mas também há que se considerar o consumo de ostra e caranguejo, também alimentos que fazem parte da dieta alimentar e possuem um consumo expressivo para os grupos domésticos.

Na tabela também podemos observar a evolução dessa renda no decorrer do ano, sendo janeiro o mês em que essa família tem a menor renda indireta do ano cerca de R\$795,20, ou seja, menos que um salário mínimo, pois ainda não se iniciou o ciclo de plantio das roças, acarretando a ausência de muitos alimentos. Mas a partir de fevereiro com o início das colheitas essa renda tende a aumentar tendo seu ápice no mês de maio chegando a cerca de R\$1.328,55 permanecendo em um patamar razoável no mês seguinte e com o fim do período chuvoso declinando a cada mês até chegar em seu menor patamar em janeiro.

A tabela 2, refere-se ao cálculo da renda indireta da família 2, que foi ouvida durante as atividades de pesquisa no ano de 2016 na comunidade Pedrinhas, a família é composta 5 membros, sendo dois idosos aposentados, dois filhos adultos economicamente ativos na cata do caranguejo e no plantio da roça e uma filha mulher adulta responsável por cuidar da casa e dos pais idosos, além de ajudar²⁶ na roça no período do plantio e colheita.

²⁶ É uma categoria êmica que serve para demonstrar o quanto as mulheres estão longe de herdar o patrimônio da terra. Pois, na realidade, muitas mulheres tem um trabalho superior aos dos homens com relação à colheita e ao plantio da terra.

Tabela 2: Família 2

		Produção	Valor Unitário	Valor total
JANEIRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 200,00	R\$ 300,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Galinha caipira	1	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS			R\$ 277,95	R\$ 824,00
FEVEREIRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 200,00	R\$ 300,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
SUBTOTALS			R\$ 253,95	R\$ 839,00
MARÇO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00

	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 200,00	R\$ 300,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
SUBTOTAIS			R\$ 273,95	R\$ 879,00
ABRIL	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 200,00	R\$ 300,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
SUBTOTAIS			R\$ 260,45	R\$ 931,50
MAIO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 200,00	R\$ 300,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80

SUBTOTALS			R\$ 260,45	R\$ 931,50
JUNHO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 60,00	R\$ 90,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
	Galinha caipira	1	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS			R\$ 142,45	R\$ 671,50
JULHO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
	Corante	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Mandioca	600Kg	R\$ 0,75	R\$ 450,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 60,00	R\$ 90,00
	Goma	40 kg	R\$ 6,00	R\$ 240,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
SUBTOTALS			R\$ 122,60	R\$ 1.483,80
AGOSTO	Peixe	16Kg	R\$ 10,00	R\$ 160,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00

	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 70,00	R\$ 105,00
	Goma	40 kg	R\$ 6,00	R\$ 240,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
SUBTOTALS			R\$ 129,25	R\$ 838,00
SETEMBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 100,00	R\$ 150,00
	Goma	40 kg	R\$ 6,00	R\$ 240,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00	
SUBTOTALS			R\$ 183,25	R\$ 979,00
OUTUBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 130,00	R\$ 195,00

	Goma	40 kg	R\$ 6,00	R\$ 240,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	Manga	40 unidades	R\$ 0,25	R\$ 10,00
	SUBTOTAIS		R\$ 209,50	R\$ 1.018,00
NOVEMBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Goma	40 kg	R\$ 6,00	R\$ 240,00
	Coco d'água	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
	Coco seco	48 unidades	R\$ 3,60	R\$ 172,80
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
Manga	40 unidades	R\$ 0,25	R\$ 10,00	
	SUBTOTAIS		R\$ 259,50	R\$ 983,00
DEZEMBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Farinha de puba	1,5 casos	R\$ 200,00	R\$ 400,00
	Coco d'água	50 unidades	R\$ 1,50	R\$ 75,00
	Coco seco	20 unidades	R\$ 1,50	R\$ 30,00
Manga	40 unidades	R\$ 0,25	R\$ 10,00	

	Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Galinha caipira	1	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS			R\$ 301,10	R\$ 898,20
TOTAL PARCIAL GERAL			R\$ 2.674,40	R\$ 11.276,50
TOTAL ANUAL GERAL				

Como pode ser observado nas tabelas, a agricultura é de grande importância para a sobrevivência dessas famílias, pois é através dela que a comunidade tira o alimento de cada dia, sendo que a renda da *cata* do caranguejo serve prioritariamente para suprir outras necessidades que não sejam alimentares, a não ser que falte alimento. Em relação à agricultura na comunidade, ocorre de maneira mais independente e familiar, logo torna-se uma atividade local que visa a subsistências das famílias. No Nordeste existe alguns exemplos de comunidade agrícolas que desenvolviam atividades mais familiares e com a organização e implementação de núcleos de trabalhos, passaram a exportar, como ocorreu no litoral norte da Bahia, nos municípios de Mata de São João e Itanagra, com a formação do Núcleo de Colonial Juscelino Kubitschek. Segundo Peixoto (2016, p.180)

O núcleo foi criado em fins da década de 1950, em uma área de 4.900 há, mediante um projeto de colonização para o assentamento de agricultores brasileiros e imigrantes japoneses, como parte de uma estratégia de produção e comercialização de hortigranjeiros e frutas, visando a reduzir a dependência dos centros consumidores da Região Metropolitana de Salvador da importação desses produtos do Sudeste do país.

A implantação de um núcleo como esse no Delta do Parnaíba daria um grande impulso na economia local, nesse caso, o núcleo agiria como um incentivador tanto da agricultura, como da pesca e *cata* do caranguejo, agiria também como um meio de valorização do trabalho local. Entretanto, para que um projeto como esse seja implementado, seria necessário também que a comunidade se unisse por meio de associações, cooperativas e/ou sindicatos.

A tabela 3, refere-se ao cálculo da renda indireta da família 3, que foi ouvida durante as atividades de pesquisa no ano de 2016 na comunidade Pedrinhas, a família é composta por 4 membros, sendo duas crianças pequenas, e dois adultos economicamente ativos, pai e mãe, sendo que o pai é *catador* de

caranguejo e agricultor juntamente com a mulher que também cuida da casa e das crianças.

Tabela 3: Família 3

		Produção	Valor Unitário	Valor total
JANEIRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Galinha caipira	2 aves	R\$ 25,00	R\$ 50,00
SUBTOTALS			R\$ 298,95	R\$ 639,20
FEVEREIRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Sururu	2Kg	R\$ 15,00	R\$ 30,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Galinha caipira	2 aves	R\$ 25,00	R\$ 50,00
SUBTOTALS			R\$ 293,45	R\$ 827,20

MARÇO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Galinha caipira	2	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Maxixe	10 Kg	R\$ 6,00	R\$ 60,00
	Quiabo	8 Kg	R\$ 6,00	R\$ 48,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
SUBTOTALS			R\$ 297,95	R\$ 1.037,70
ABRIL	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Maxixe	10 Kg	R\$ 6,00	R\$ 60,00
	Quiabo	8 Kg	R\$ 6,00	R\$ 48,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00

	Melancia	20 unidades	R\$ 5,00	R\$ 100,00
SUBTOTALS			R\$ 273,95	R\$ 1.071,70
MAIO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Maxixe	10 Kg	R\$ 6,00	R\$ 60,00
	Quiabo	8 Kg	R\$ 6,00	R\$ 48,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Melancia	20 unidades	R\$ 5,00	R\$ 100,00
SUBTOTALS			R\$ 277,95	R\$ 1.087,70
JUNHO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00

	Maxixe	10 Kg	R\$ 6,00	R\$ 60,00
	Quiabo	8 Kg	R\$ 6,00	R\$ 48,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Melancia	20 unidades	R\$ 5,00	R\$ 100,00
SUBTOTALS			R\$ 293,95	R\$ 1.111,70
JULHO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Batata doce	5Kg	R\$ 3,50	R\$ 17,50
	Feijão verde	25L	R\$ 3,00	R\$ 75,00
	Milho verde	40 espigas	R\$ 1,00	R\$ 40,00
	Maxixe	10 Kg	R\$ 6,00	R\$ 60,00
	Quiabo	8 Kg	R\$ 6,00	R\$ 48,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	Melancia	20 unidades	R\$ 5,00	R\$ 100,00
SUBTOTALS			R\$ 278,25	R\$ 1.117,70
AGOSTO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Sururu	2Kg	R\$ 15,00	R\$ 30,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00

	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Mandioca	500 kg	R\$ 0,75	R\$ 375,00
	Goma	35 kg	R\$ 6,00	R\$ 210,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	SUBTOTALS		R\$ 275,50	R\$ 1.396,20
SETEMBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Goma	35 kg	R\$ 6,00	R\$ 210,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	SUBTOTALS		R\$ 263,75	R\$ 1.007,20
OUTUBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Ostra	2Kg	R\$ 20,00	R\$ 40,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Goma	35 kg	R\$ 6,00	R\$ 210,00

	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
	Manga	40 unidades	R\$ 0,25	R\$ 10,00
	SUBTOTALS		R\$ 280,00	R\$ 1.041,20
NOVEMBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Caranguejo	4 cordas	R\$ 4,00	R\$ 16,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Goma	35 kg	R\$ 6,00	R\$ 210,00
	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Gergelim	400 espigas	R\$ 0,50	R\$ 200,00
	Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Caju	100 unidades	R\$ 0,30	R\$ 30,00
Manga	40 unidades	R\$ 0,25	R\$ 10,00	
	SUBTOTALS		R\$ 265,00	R\$ 1.019,20
DEZEMBRO	Peixe	20Kg	R\$ 10,00	R\$ 200,00
	Sururu	2Kg	R\$ 15,00	R\$ 30,00
	Farinha de puba	1 casos	R\$ 200,00	R\$ 200,00
	Coco d'água	10 unidades	R\$ 1,50	R\$ 15,00
	Coco seco	10 unidades	R\$ 3,60	R\$ 36,00
	Azeite de coco	2L	R\$ 25,00	R\$ 50,00
	Corante	200g	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Pimentão	12 unidades	R\$ 0,35	R\$ 4,20
	Cheiro verde	8 molhos	R\$ 1,50	R\$ 12,00
	Tomate	2 Kg	R\$ 6,00	R\$ 12,00
	Goma	35 kg	R\$ 6,00	R\$ 210,00

	Feijão seco	5 L	R\$ 4,00	R\$ 20,00
	Manga	40 unidades	R\$ 0,25	R\$ 10,00
	Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Mamona	5L	R\$ 8,00	R\$ 40,00
	Murici	2L	R\$ 1,00	R\$ 2,00
	Galinha caipira	1 ave	R\$ 25,00	R\$ 25,00
SUBTOTALS			R\$ 309,20	R\$ 870,20
TOTAL PARCIAL GERAL			R\$ 3.407,90	R\$ 12.226,90
TOTAL ANUAL GERAL				

As tabelas acima têm como objetivo demonstrar a importância que a agricultura e pesca, fontes de renda indireta têm na economia das famílias de Pedrinhas. Com esta metodologia conseguimos revelar que mesmo a *cata* do caranguejo sendo a principal fonte de renda direta da comunidade, esta atividade proporciona uma renda bem menor que a riqueza obtida de forma indireta, ou seja, o que é obtido através do plantio da roça e a pesca em geral. Esses elementos são o que mantém o equilíbrio da comunidade na prática, pois a agricultura ainda é responsável por garantir os insumos básicos que fazem parte da alimentação diária das famílias e, sempre quando há sobras, esses insumos podem ser vendidos ou dados para familiares e amigos e isso não significa perdas, como fala Archetti (2014, p.21):

Sempre uma parte do trabalho excedente é cedido gratuitamente à sociedade. Para o camponês isto não é importante, não é um obstáculo para seguir produzindo, pois não tem consciência dele. Seu trabalho não aparece como custo 'objetivo', e enquanto obtenha sua subsistência seguirá à frente da sua exploração.

Dessa forma, podemos perceber que, diferente do que é comumente destacado, o plantio da roça bem como a pesca, são primordiais para garantir a sobrevivência da comunidade, pois “[...] os camponeses são produtores de mercadorias, mas não são por isso capitalistas.” (ARCHETTI, 2014, 21) Outrora, a comunidade vivia somente com esses recursos, pois como já foi explanado, a *cata* do caranguejo é bem recente na região e mesmo sendo uma atividade rentável, a mesma não é capaz de suprir todas as necessidades alimentares que as famílias necessitam, pois, o alimento produzido nas roças, se fosse obtido

através da renda direta, por meio, por exemplo da *cata* do caranguejo, sairia a um custo muito alto, como pode ser observado nas tabelas, o que tornaria a sobrevivência dessa famílias inviável.

No relato a seguir, podemos observar na fala de uma moradora local de Pedrinhas, sua relação com o plantio da roça durante o ano:

Para a gente aqui, o inverno começa no mês de janeiro, aí quando a gente queima a roça e começa a plantar: planta milho, feijão e as mandiocas. Quando a gente planta cedo, quando é no mês de março, já tem colheita de feijão e milho. Ai quando a gente vai fazer a farinha é no mês de junho, julho ou agosto, que é quando começa a colheita da farinhada. Ai a mandioca, a gente já tem plantado para colher no ano que vem. Mas, a gente aqui só trabalha com uma colheita, porque aqui dá para plantar no mês de março quando é em junho já dá para colher de novo, mas a gente não faz isso. A gente só colhe uma vez por ano, porque o pessoal aqui só planta mesmo para colher uma vez por ano. Tem um milho que com 3 meses já está maduro, mas o pessoal não gosta porque é um pezinho que fica bem pequeno, aí a gente planta mesmo esse milho da gente que fica o pezão bem grande e que demora mais para amadurecer; sem falar que esse milho é mais gostoso. Mas, dava para o pessoal fazer duas colheitas, eu faço duas, mas porque tenho duas roças. Até no meio do verão, agosto por aí assim, a gente está comendo feijão, maxixe mesmo sem chover, porque tem um brejo por ali. E quando faz a farinhada já dá pra sobreviver o restante do ano, porque é muito; no mínimo se a pessoa fazer 10 sacos de farinha, em uma casa de 4 ou 5 pessoas, um saco dura quase três meses porque a gente só vai comer com farinha um peixe assado ou alguma coisa frita e com arroz na hora do almoço, só que a gente não vai comer tudo com farinha né, só algumas coisas que a gente come com farinha né, porque não dá pra comer com arroz; tipo um peixe assada ninguém vai comer com arroz, porque é melhor com farinha, mais gostoso e uma coisa frita a gente sempre come com farinha, porque com arroz não combina né. Pois é isso, ahh, e a farinha já dura de um ano para outro porque quando a gente vai fazer de novo no mês de julho, ainda tem farinha ainda. E a gente vende também a farinha ou quando não vende a gente dá para quem a gente quer e é desse jeito. (JOVEM 19, 30 anos, Agricultora/ pescadora/catadora de caranguejo/dona de casa, 2016)

Esse relato demonstra a importante relação que esses moradores têm com a terra, que é um patrimônio e um meio de vida, faz parte do cotidiano e é essencialmente cultural. A final de contas Pedrinhas é tradicionalmente uma comunidade de agricultores e pescadores, que passou a ser de catadores e pode voltar a ser de agricultores na ausência do crustáceo que tem passado por sérios problemas nos últimos anos, problemas estes que se não forem sanados por meio de políticas públicas podem causar o desaparecimento do caranguejo do Delta do Rio Parnaíba nos próximos anos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o IDH municipal de 0,521 (IBGE, 2010), Araióses é um dos municípios mais pobres do Estado do Maranhão, (ver anexo A), mesmo sendo um dos mais ricos em recursos naturais, já que está localizado no Delta do Rio Parnaíba, uma formação geológica única nas américas. Nessas áreas costeiras existe um potencial econômico/cultural inigualável, principalmente para as comunidades ribeirinhas que vivem nesses locais a centenas de anos.

Pedrinhas é uma das menores, mas se beneficia por estar em área continental, sua localização facilita a chegada de recursos, (mesmo com a falta de amparo do poder público), diferente de muitas outras comunidades do delta, que estão localizadas nas ilhas. Entretanto estar localizada numa ilha não significa isolamento, embora algumas comunidades tenham o acesso complicado, pois dentro das ilhas não há estrada, apenas trilhas e caminhos de terra e o acesso só é possível por via fluvial.

Nesta pesquisa pude perceber que a agricultura é de grande importância para a comunidade, é ela a responsável por grande parte dos recursos obtidos através da prática camponesa, ao passo que essa atividade não constitui um setor isolado, mas se integra a outras atividades, como a pesca e a *cata* do caranguejo. Esse conjunto de atividades são o que mantém viva a comunidade e não há como isolar uma da outra. Juntas fazem parte da formação cultural e identitária desse povoado, além de manter economicamente a comunidade e os seus grupos domésticos.

Concluo também que Pedrinhas, ao longo de sua história, desde seu surgimento com a chegada da primeira moradora, Dona Idalina, nessas terras indígenas, a agricultura sempre foi presente. Segundo o relato dos informantes, a proximidade com o mar foi um fator determinante para a fixação das pessoas no local, pois além da agricultura os antepassados e os seus descendentes atuais podiam tirar o sustento também do manguezal, que é considerado o berço da vida marinha. Logo, ser morador de Pedrinhas é trabalhar na roça e no mangue, mas não somente isso, pois a partir desse momento, surgem várias identidades que formam a cultura desse povo: eles são camponeses, pescadores, farinheiros, *catadores* de caranguejo, como também migrantes,

quando a necessidade de buscar recursos externos se torna uma razão incontornável.

Também percebo que a identidade que mais representa esse povo, para eles mesmos, é de agricultores. Nessa perspectiva, observei através da pesquisa de campo e várias leituras bibliográficas que a identidade de *catador* de caranguejo foi uma identidade inventada pelos órgãos gestores e pelo poder público local, ou seja, pela prefeitura, como uma forma de categorizar economicamente esse grupo, pois a produção agrícola é prioritariamente para o consumo familiar, dessa forma, não gera renda direta, ao contrário da *cata*, que além de gerar renda direta, movimentada a economia local. Esse fator faz com que somente essa atividade seja reconhecida externamente à comunidade determinando apenas uma identidade ligada a um território (catadores de caranguejos em manguezais), mesmo que, internamente, os moradores se auto definam como agricultores, pescadores e catadores.

Nesse sentido, os moradores de Pedrinhas não são somente catadores, pescadores ou agricultores, mas sim, possuem uma identidade de trabalho bastante híbrida entre essas três atividades. A identidade é múltipla e cada indivíduo pode compartilhar de várias delas sem nem mesmo se dar conta. O fato é que Pedrinhas sempre foi uma comunidade de agricultores que viam na pesca e na agricultura uma forma de sobreviver e compor a renda. Na atualidade, esse mesmo povoado 'está' catador, e com o declínio da *cata* podem continuar sendo agricultores. É importante destacar que a agricultura, mesmo sazonal, sempre esteve presente.

Os últimos 40 anos em Pedrinhas foram de muitas mudanças. Foi nesse período que a *cata* de caranguejo se desenvolveu e começou a se expandir para fora da comunidade, alcançando mercados consumidores de várias partes do país. Esse período teve seu ápice e seus declínios e, hoje se encontra em equilíbrio, em função das ações do ICMBio, responsável pela fiscalização e gestão da unidade. A chegada da luz elétrica e da estrada também foram fatores que provocaram grandes mudanças na comunidade, talvez até mais que a inserção da *cata* na economia local.

A estrada também proporcionou o fim da dificuldade de locomoção individual e comunitária e, foi com a sua chegada que com o passar dos anos, cada vez mais, novos insumos foram chegando na comunidade. A energia

elétrica foi um fator determinante que proporcionou grandes mudanças culturais locais. Com ela, veio o aparelho televisor, que influencia no processo de globalização de culturas muito antes do surgimento da internet. Também outro aspecto não tratado aqui, mas também de grande influência, como a internet, que mesmo que de baixa velocidade (com o sinal de aparelho celular na comunidade) é a nova rede global de comunicações, atualmente, tem seu papel determinante no modo de vida local, principalmente nas novas gerações. Desse modo, suas influências também estão presente em Pedrinhas e, positivamente ou não, tais elementos geram como consequência a evasão local dos jovens da comunidade a procura por melhores condições de vida.

A migração, apesar de não ser o tema central dessa pesquisa, apareceu nas entrevistas sempre como uma estratégia da comunidade de se recompor em períodos difíceis. Na atualidade, com a conexão dos jovens à realidade externa por meio virtual, ela possui um significado mais individualizado, centrado nas histórias específicas de cada grupo doméstico da comunidade. Por fim, o que esta pesquisa trouxe em seu bojo, é que a comunidade de Pedrinhas, como qualquer comunidade camponesa brasileira, tem a maior parte da sua sociabilidade invisibilizada. O seu protagonismo se dá, contraditoriamente, pela sua possibilidade de ofertar economicamente o alimento vendido pelo turismo ambiental. A questão é que, como várias pesquisas indicam, os alimentos requeridos pelo turismo ambiental em alta escala, provocam impactos ambientais por vezes irreversíveis, e a comunidade de Pedrinhas vive esse dilema nos dias atuais.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar: As Fronteiras da Discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ARAIOSSES, Prefeitura. **Secretaria de Saúde**. Araioses: 2015.
- ARARIPE, H. G. A.; LOPES, J. B.; BASTOS, M. E. G. **Aspectos do Licenciamento Ambiental da Carcinicultura na APA Delta do Parnaíba**. In: Ambiente & Sociedade. Teresina, Vol. IX nº. 2 jul. /dez. 2006. 143p.
- ARCHETTI, Eduardo P. Contextualização Histórica do Debate sobre a Questão Agrária na Revolução Russa, **In: CARVALHO, Horácio Martins de. Chayanov e o Campesinato**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014. p. 15-32
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.136
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.p.107
- BRASIL, Prodetur Nacional. **Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional da Rota das Emoções**. 2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Produto_V_Entrega_resultados_FT.pdf> Acesso em: 29 de mar. de 2016.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto. 2011. p. 219
- CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. Ed. 11. 2010. p. 334
- CARDEL, Lúcia M. P. Soares. **Algumas Considerações Sobre Identidade, Sociabilidade e Etnogênese e Seus Atuais Contornos Políticos**. O Olho da História, Salvador/BA, Nº 14, 2010. p. 1-13
- CARDEL, Lúcia M. P. Soares; OLIVEIRA, Rejane Alves de. **Práticas e Contradições: um estudo de caso sobre camponeses assentados no Médio São Francisco**. RESR, Piracicaba/SP, vol. 51, Nº 4, 2014, p. 625-644.

CARDEL, Lídia M. P. Soares; SANTOS, Diana Anunciação. Arame, Rodagem e Turismo: Estratégias de Pertencimento e Permanência no Litoral Norte da Bahia In: CARDEL, Lídia M. P. Soares, CÂMARA, Antônio da Silva; MECHIN, Collete; CLERC-RENAUD, Angnès. **Estudos Socioambientais e Saberes Tradicionais do Litoral Norte da Bahia**: diálogos interdisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 73-106

CASA CIVIL. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasil: Decreto Nº 6.040, 2007.

CASTELLS, Manoel. **O Poder da Identidade**. 2. Vol. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**: pesquisas de antropologia política; tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

Diário Oficial da União. <[Http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=2&data=23/01/2017](http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=2&data=23/01/2017)> Acesso em 14 de abr. 2017

GUZZI, Anderson (Org.). **Biodiversidade do Delta do Parnaíba**: litoral piauiense. Parnaíba: EDUFPI, 2012. p. 216

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Maranhão**: Araióses. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&c-odmun=210090&search=maranhao|araioses>> Acesso em: 23 de fev. 2016 às 14:47.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Maranhão**: Araióses, senso 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&c-odmun=210090&search=maranhao|araioses>> Acesso em: 23 de nov. 2015 às 14h47min.

ICMBio, **Levantamentos das Famílias da RESEX Delta do Parnaíba.**

Parnaíba/PI, 2014.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Biodiversidade. **APA Delta do Parnaíba**

Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidadesde-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-deconservacaomarinho/224-6-apa-delta-do-parnaiba>>. Acesso em: 28 de abr. 2014.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Culturas:** Um Conceitos Antropológico. 24. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LICKORISH, Leonard J; JENKINS, Carsom L. **Introdução ao Turismo.** 7. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

LITTLE, Paul. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil:** Por uma antropologia da territorialidade. UNB: Brasília, 2002.

MACHADO, Sebastiana Monteiro. **Araióses:** Já não mais Sou Enjeitado. Araióses: [s.ed.], 2009.

MARCARIAN, Eduardo S. Lugar e Papel das Investigações da Cultura nas Ciências Modernas. **In:** ENGELS R; GEERTZ, C; BAUMAN, Z.; LEONTIEV, A; MARCARIAN, E. **O Papel da Cultura nas Ciências Sociais.** Porto Alegre: Villa Marta LTDA, 1980. p. 93-114.

MARQUES, Cezar Augusto. Dicionário Histórico-geográfico da Província do Maranhão. Maranhão: s/Ed. 1870.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. **Parnaíba:** Educação e Sociedade. Parnaíba: SIEART, 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Plano de Gestão e Diagnóstico Geo-ambiental e Socioeconômico da APA Delta do Parnaíba.** Brasil: IEPS, 1996.

PEIXOTO, Sérgio Elísio. A Produção Familiar nos Municípios de Itanagra e Mata de São João. **In:** CARDEL, Lídia M. P. Soares, CÂMARA, Antônio da

- Silva; MECHIN, Collete; CLERC-RENAUD, Angnès. **Estudos Socioambientais e Saberes Tradicionais do Litoral Norte da Bahia: diálogos interdisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 175-196.
- PÉREZ, Xerardo Pereira. Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica. **In: Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**. Tenerefe (Espanha): Pasos, 2009.
- QUEIROZ, Maria Isaura. **O Campesinato Brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- RAMOS, José Carlos. **A Saga da Tribo Teremembés**. São Luís: 360º Gráfica e Editora, 2013.
- ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. **O campo de Pesquisa em etnomodelagem: as abordagens êmica, ética e dialética**. Disponível em <<http://www.sciel-o.br/pdf/ep/v38n4/06.pdf>> Acesso em 04 de abr. de 2017 às 22:14
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira**. São Paulo: Tempo Social, 1993.
- SANTOS, Francisco José Silva. **Araíóses, os anos 50: Reminiscências**. Teresina: EDUFPI, 2000.
- SEMA, Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Naturais. **Ofício nº 41/2015- APA Delta do Parnaíba/ICMBio**. Processo nº 215617/2014, São Luís: Secretaria de Estado da Infraestrutura- Sinfra.
- SESC, Piauí. **Delta**. Brasília: Sesc, 1996.
- SNUC, **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9985.htm> Acesso em: 23 de abr. 2014 às 03:38.
- THOMPSON, Paul. **A Vós do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. Em Busca da Modernidade Social: Uma Homenagem a Alexander V Chayanov. **In:** CARVALHO, Horácio Martins de. **Chayanov e o Campesinato**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014. p. 141-161

WEBER, Max. **Comunidades Étnicas**. 1922. p. 315-327 Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/127375137/Max-Weber-Comunidades-etnicas-1922>>. Acesso em: 09 mai. 2017.

WOORTMANN, Klaas. **Com Parente Não se Neguceia**: O campesinato como ordem moral. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

WOORTMANN, Klaas. O Modo de Produção Doméstico em Duas Perspectivas: Chayanov e Sahlins **In:** CARVALHO, Horácio Martins de. **Chayanov e o Campesinato**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014. p. 229-271

ANEXOS

ANEXO A - Aspectos econômicos municipais de Araióses.

Com o IDH municipal de 0,521 (IBGE, 2010), Araióses é um dos municípios mais pobres do Estado do Maranhão, apesar de ter havido um grande aumento no índice, se comparando as últimas pesquisas (0,199 em 1991 e 0,298 em 2000), o mesmo ainda está muito abaixo do ideal, estando abaixo de países subdesenvolvidos, como: Nepal com 0,540, Kenya 0,535 e Angola com 0,526 (PNUD, 2014).

O índice de analfabetismo chega a 47,8%, o que é altíssimo se comparado ao índice estadual, 18,76% e nacional, 8,3% (IBGE, 2014). Vale lembrar que a região Nordeste historicamente possui os maiores índices de analfabetismo do Brasil, 16,9% (PNAD, 2014), tendo o estado do Maranhão como o segundo maior índice de analfabetismo da região, perdendo apenas para o estado de Alagoas com 19,66% (PNAD, 2014). A falta de assistência dos governos e má gestão pública são, dentre outros fatores, os responsáveis pelos altos índices, entretanto, vale ressaltar que nos últimos anos tais índices vêm decaindo e alcançando melhorias.

Conforme dados coletados pelo IBGE (2014), na produção agrícola municipal em lavouras permanentes, que se destacam em Araióses, são os seguintes insumos: a banana, com a produção de 676 toneladas ao ano e a movimentação de R\$446 mil; a castanha do caju, com a produção de 135 toneladas e movimentação de R\$95 mil; coco-da-baía, com a produção de 148 mil frutos e movimentação de R\$59 mil; laranja, com a produção de 37 toneladas e a movimentação de R\$7 mil; e a manga, com a produção de 201 toneladas e movimentação de R\$271 mil.

Ainda conforme o IBGE (2014), em lavouras temporárias no município de Araióses, destaca-se: o arroz em casca com 6.400 toneladas e uma movimentação monetária de R\$2.880; feijão em grãos com 961 toneladas e movimentação de R\$1.376; a mandioca com 31.442 toneladas produzidas e movimentação de R\$5.974; e o milho em grão com 1.890 toneladas com movimentação de R\$945 mil. Desse modo, pode-se dizer que a produção agrícola anual permanente, representa cerca de 1.049 toneladas além de 148 mil frutos de coco-da-baía (como descrito acima) e movimentação de cerca de R\$ 878 mil; enquanto que a produção temporária, que depende da sazonalidade

e do clima, produz cerca de 39.693 toneladas de insumos e movimenta cerca de R\$955.230.

O curioso, pode-se perceber ao analisar estes dados aqui apresentados, é que, apesar de a mandioca ser o insumo com maior produção agrícola temporária, pois de fato é uma das principais fontes de renda para muitas famílias camponesas, a mesma injeta pouquíssimo na economia local em comparação com a produção de feijão, que com 1.890 toneladas produzidas injeta sozinho cerca de R\$945 mil na economia local. A grande questão é que a produção de farinha nas comunidades rurais é feita principalmente para o consumo familiar, desse modo, é quase impossível perceber a grande importância econômica que este insumo produz na economia, pois ele é caracterizado por fazer parte da renda indireta produzida pelas famílias.

A renda indireta, é a renda em que os camponeses possuem através da produção e coleta de alimentos, como por exemplo, o pescado que uma família consome, possui um valor comercial, entretanto o pescador não teve que desembolsar o valor cobrado pelo peixe consumido pela sua família, teve apenas que se dispor a busca-lo no mar. Esse peixe consumido pela família camponesa, se caracteriza por fazer parte de uma renda indireta, assim como a produção agrícola, que é de grande importância para sobrevivência desse grupo. Diferente da renda indireta, temos a renda direta, que é o valor monetário que uma família produz através do trabalho. Em Pedrinhas a principal fonte de renda direta vem da cata do caranguejo, que é o principal insumo econômico para muitas famílias da comunidade, neste caso, ao contrário do exemplo citado anteriormente, o catador, pega o caranguejo não para o consumo familiar, mas prioritariamente para que seja comercializado, desta forma, a caranguejo é comercializado pelo preço de mercado e o catador recebe pelo seu trabalho de coleta do crustáceo, esta renda é considerada direta e proporciona que as famílias camponesas possam adquirir insumos também necessários além da alimentação provinda da renda indireta adquirida com agricultura e pesca.

De acordo as entidades oficiais, (ICMBio, ONGs) a principal fonte de renda das comunidades do Delta do Parnaíba é a *cata* do caranguejo-uçá, sim, de fato várias pesquisas foram feitas e constatado que a *cata* do caranguejo é a principal fonte de renda direta dessas comunidades. Entretanto, há que se levar em conta os demais elementos que são necessários para a sobrevivência

dessas comunidades como, o plantio de: milho, feijão, mandioca, macaxeira, abobora, melancia, dentre outros inúmeros grãos, frutas e legumes que fazem parte da renda indireta dessas famílias, além é claro, da criação de animais para consumo, caça, pesca e a própria cata do caranguejo para consumo familiar; também ostras, sururus e demais frutos do mar que a comunidade dispõe.